

B. NL.
352
L

D. 5, 352

~~6~~
~~3~~
~~14~~

352

A LINGUA PORTUGUEZA

É FILHA DA LATINA,

OU

REFUTAÇÃO DA MEMORIA

EM QUE

O SENHOR PATRIARCA ELEITO

D. Francisco de S. Luiz

NEGA ESTA FILIAÇÃO.

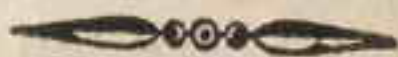


[Autor — Francisco Antonio de Vampas.]

LISBOA:

TYPOGRAPHIA DE M. J. COELHO.

Rua do Poço dos Negros N.º 82.



1843.

A LINGUA PORTUGUEZA
E SUA DA LINGUA
REFUTAÇÃO DA MEMORIA
O SENHOR PATRIARCHA ELEITO



LISBOA:
TYPOGRAPHIA DE M. J. GONCALVES
1843

REFUTAÇÃO.

Muitos dos nossos escriptores se tem occupado com desvêlo no estudo da lingua portugueza, e seus nobres e proficuos trabalhos são crêdores do reconhecimento publico; porque a perfeição da linguagem faz parte da gloria nacional, pelo testemunho que dá da civilisação e força intellectual do povo que a falla. Os povos grosseiros e barbaros tem uma lingua grosseira e barbara: incapazes de trabalhos de espirito, e dominados das necessidades physicas, seu vocabulario é tão limitado como ellas; e só com o progresso insensivel dos conhecimentos, e com o desenvolvimento successivo das sensões, é que sua lingua se enriquece e aperfeiçôa a ponto de poder exprimir as affecções mais delicadas do sentimento, e de elevar-se ás concepções abstractas da maior sublimidade:

Mas quaesquer que sejam os esforços dos escriptores, para darem á lingua toda a perfeição de que é susceptivel, seus trabalhos não poderão ser coroados de feliz successo se for desconhecida a sua origem, de que dependem em grande parte seu genio e sua estrutura.

A lingua portugueza, cultivada ha mui-
1*

tos seculos, e que pela sua belleza pôde rivalisar com as mais cultas da Europa, não tomou ao acaso seus vocabulos, suas contracções, nem sua syntaxe, como as linguas rudes e incultas, que formadas sem desenho premeditado, empregaram fortuitamente os meios que a necessidade do momento lhes suggerio: occupando um terreno em que outras linguas dominaram, é sem dúvida dellas que recebeu seus meios artificiaes de exprimir os sentimentos e as idéas; dirigindo-se em sua formação seus fundadores por aquelle instincto logico, que é natural ao entendimento humano, e pela eufonia dos sons, que em todas as linguas preside á adopção ou rejeição da analogia.

As linguas que mais longo tempo se falaram na Peninsula, e de que na nossa existem mais amplos vestigios, são a celtica e a latina; mas a celtica não podia sobreviver á conquista dos romanos, e havia muitas razões para isso: conservaram se, é verdade, no portuguez muitos vocabulos celticos, producto da primeira lucta das duas linguas; porem a totalidade das raizes é latina, porque o latim ficou prevalecendo sobre todos os dialectos peninsulares, como teremos occasião de ver.

E' portanto ao latim que devemos referir a origem do portuguez, e se desconhecemos esta origem, ou lhe attribuirmos outra que não seja a verdadeira, desconhecemos seu character; fluctuaremos indecisos na escôlha das expressões, se diversas se nos offerecerem; nem, querendo melhora-lho, teremos regra segura que nos guie, quando nos propoermos corrigir seus vicios ou promover seu aperfeiçoamento.

Por estas considerações e outras muitas que fazem o objecto deste escripto, é opinião geral entre nacionaes e estrangeiros que a lingua portugueza é filha da latina; e eu abundo tanto neste sentir, que ousou dizer, sem temor d'exageração, que quem quizer entender os nossos classicos, e ter um conhecimento completo dos termos e expressões da nossa lingua, precisa saber a latina, porque della tiramos a maxima parte dos vocabulos e formas, e só ella nos pôde conduzir na decomposição dos termos, e revelar-nos sua verdadeira significação; sem o seu conhecimento, julgo absolutamente impossivel que ninguem possa saber soffrivelmente o portuguez.

Mas esta opinião, apesar da sua generalidade, encontrou ultimamente um forte impugnador no mais distincto dos nossos filologos. O Sr. D. Francisco de S. Luiz (1) disputa á lingua portugueza a sua descendencia da latina; e, como opinião correlativa, sustenta tambem que o latim nunca tóra vulgar em Portugal.

Examinarei esta memoria. Ha paradoxos que é preciso combater, principalmente quando seus effeitos podem ser perniciosos, e se acham apoiados, como este, pela reputação de um nome illustre. A lingua portugueza já tem sido assaz embaraçada em seus progressos pela servil imitação dos classicos, a que nimamente se tem adstricto (2)

(1) Memor. da Acad. R. das Scienc. T. 12.

(2) Não pareça estranha esta proposição. A imitação servil dos classicos não pôde produzir senão plagiarios, e suas obras não podem ser senão copias mais ou menos semelhantes do mesmo quadro. E' delta que

sem que seja necessario ainda crear-lhe novos embarços, negando-lhe a rica successão a que, como filha da latina, tem incontestavel direito.

vem a raça estacionaria dos puristas, que não reconhecem progresso nas linguas e que se oppõe a todo aperfeiçoamento. Causa riso ver estes estafermos immoveis no meio do movimento universal e eterno das cousas, pretenderem pedantemente marcar, como uma barreira de bronze, um periodo depois do qual não é permittido dizer nada que não tenha sido dito antes. Daqui vem a gravidade com que discutem se tal palavra de que usa Bernardes se pode adoptar, sendo auctor tão moderno; se esta, que não tem por si senão a auctoridade d'Arraes, será de boa lei; se aquella poderá reputar-se naturalizada, porque Vieira a empregou uma unica vez; e daqui descendo por uma escala arbitraria de escriptores de grande, mediocre e infima nota, vão empobrecendo a lingua, quando a razão de decidir devia ser a necessidade ou não necessidade de tal palavra, observado o *parce detorta*.

A esta classe dos puristas, segue-se outra filha tambem do mesmo espirito de servidão, e é a dos que querem passar por sabedores da lingua a pouco custo. Estes taes andam escuadrinhando nos classicos palavras e allianças de palavras pouco usadas, e empregam-nas a cada momento, bem ou mal, arrançando frases para esse unico fim: de sorte que o pensamento, para cuja expressão as palavras forão inventadas, vem a ser, no sentir destes sabios, um objecto de importancia secundaria.

Mas o mal não está todo nisto. Quando os nossos classicos escreveram, a sciencia grammatical estava muito atrazada; a metaphisica das linguas ou sua parte theorica era desconhecida, e não se sabia analysar o pensamento; estudos sem os quaes não é possivel ser bom escriptor. E' por isso que nos classicos se acham as vezes periodos sem oração principal, e que frequentemente á oração principal se segue uma continuação de proposições subordinadas, determinando-se succes-

A memoria que me proponho examinar, acha-se toda nas seguintes palavras do Abba-de Girard (3) de que ella não é senão o commentario: « Quando se observa, diz este gram-
« matico, a prodigiosa distancia que ha do
« genio destas linguas (franceza, hespanhola,
« e italiana) á do latim; quando se attende
« a que a etymologta prova sómente a ado-
« pção das palavras e não a sua origem; que
« ellas são ornadas de artigos, que não po-
« diam tomar do latim; e diametralmente op-

sivamente umas ás outras, de sorte que o discurso vai sempre fugindo. Os classicos devem ler-se para adquirir copia de palavras e o conhecimento de suas accepções; imitar a sublimidade de seus pensamentos, a variedade das imagens e a delicadeza do sentimento; mas não devem reputar-se como infalliveis as expressões materiaes de que se serviram. Hoje cobrir-se-hia de ridiculo quem dissesse com Fr. Luiz de Sousa. [V. do Arc. L. 1. c. 27.] « Este antigo costume (da contemplação) lhe trazia a viola do espirito tão temperada sempre etc., ou [L. 4. c. 3], O animo intrepidoso [dos portuguezes] com que furaram o Oceano por tantas mil legoas. Sobre o objecto desta nota citarei ainda a opinião de um dos maiores filologos modernos, Romani, Sulla Liberta della Lingua Italiana, pag. 115. Diz elle: « Se os que estudam a lingua italiana, sem conhecerem os principios fundamentaes sobre que é constituida, se restringem unicamente á servil e não meditada imitação dos exemplares dos nossos classicos, não chegaram a ser senão puros e despreziveis copistas; e suas composições, privadas de novidade, genio, alma e variedade, não apresentarão senão uma sombra magra e mal traçada dos originaes, por excellentes que sejam os que se tomaram por guia. O systema de uma imitação á maneira de gado [pecoresca] e não bem reflectida, é o mais grave e prejudicial tropeço ao progresso e incremento das sciencias e das artes.,»

[3] Vrais princ. Disc. 1. pag. 27.

« postas ás construcções transpositivas, e ás
 « inflexões dos casos, não se poderá dizer,
 « que por algumas palavras tomadas do la-
 « tim, sejam filhas delle.» A esta passagem
 pode-se acrescentar ainda a seguinte de
 Beauzéé, primeiro commentador de Girard;
 « Se nós temos do latim um grande numero
 « de palavras, não temos delle a nossa syn-
 « taxe, nossa construcção, nossa grammatica,
 « nosso artigo, nossos verbos auxiliares, a in-
 « declinabilidade de nossos nomes, o uso dos
 « pronomes pessoas nos verbos etc.» Tal é
 a opinião destes dois grammaticos, que não
 tendo feito fortuna ha um seculo, achou um
 restaurador no nosso illustre academico. Tal-
 vez que seus esforços sejam mais felizes que
 os de seus antecessores; pois que os littera-
 tos das differentes nações, de cujas linguas
 a filiação aqui é contestada, tem com obsti-
 nação continuado até hoje a considera-las fi-
 lhas da latina.

A primeira objecção que na memoria se
 apresenta contra esta filiação, é *A difficulda-
 de, ou antes impossibilidade* de que os lusi-
 tanos abandonassem ou esquecessem a sua
 lingua para tomarem o *uso exclusivo* da lin-
 gua latina; e o pretende prover com varios
 factos deduzidos da historia do Egypto, dos
 hebreos, finicios, carthaginezes, cantabros,
 valencianos e dialectos de França. Diz pois
 que o Egypto, sendo *successivamente subju-
 gado* pelos persas, gregos, romanos e arabes,
 comtudo não poderão naturalisar-se nelle nem
 o grego, nem o latim, sendo dominado mui-
 tos seculos pelos gregos e romanos.

Este facto, ainda que fosse verdadeiro,

nada provava a hem da opinião do auctor;
 porque a mesma *successão* dos conquistadore^s
 era causa sufficiente para que qualquer das
 linguas senão podesse fixar, tomando a ulti-
 ma o logar da anterior. Se o auctor quizesse
 fazer um argumento procedente, não é aos
 persas, gregos e romanos, que o deveria ir
 buscar, mas aos actuaes dominadores do paiz:
 devia provar que o Egypto, depois da con-
 quista por Amrou em 640, e apesar da do-
 minação constante dos arabes, ainda hoje
 conservava a antiga lingua coptica. Mas isso é
 o que elle não podia fazer, porque as cousas
 não se passam assim.

Eis-aqui o que diz Volney na sua viagem
 á Syria (4) « Ha mais de tres seculos que a
 « lingua coptica tem caido em desuetude. Os
 « arabes conquistadores, despresando o idio-
 « ma dos povos vencidos, lhes tem imposto
 « com seu jugo a obrigação d'aprenderem a
 « sua lingua. Esta obrigação mesmo se tor-
 « nou em lei, quando no fim do primeiro se-
 « culo da Egira, o Califa Oualed 1.^o, prohi-
 « bio a lingua grega em todo seu imperio....
 « e no Egypto e na Syria, Musulmanos ou
 « Christãos, tudo falla arabe, e não enten-
 « dem se não esta lingua.»

Do testemunho deste insigne escriptor de-
 vemos por tanto inferir duas cousas: 1.^o que
 o grego era a lingua que se fallava no impe-
 rio dos Califas no 7.^o seculo, e por tanto não
 é exacto o que o auctor da memoria avança,
 de que o grego se não podera naturalisar no
 Egypto: 2.^o que a lingua coptica está inteira-

[4] Tom. 1. cap. 6.

mente perdida ha muitos seculos, apesar da supposta quasi — impossibilidade — que se julga haver para isso.

Outro testemunho de igual auctoridade nos offerece o Glossario coptico de Jablonski. Em oito annos d'investigações, não pôde este erudito escriptor encontrar senão trezentas e tantas palavras, de que a maior parte são termos de geografia, botanica, peixes, e nomes proprios de deozes e principes; o que prova bem evidentemente que o coptico é uma lingua morta, supposto possam ter-se conservado algumas palavras no paiz, ou fóra del-le. (5)

O exemplo dos hebreos, que, dominados por gregos e romanos, conservaram sempre a sua lingua, não é mais concludente. Os hebreos eram um povo não só opprimido, mas despresado; a sua unica consolação, no vexame de seus oppressores, era a religião de seus pais; o odio que professavam a seus tyrannos lhes vedava adoptarem a sua lingua, abandonando a de seus livros sagrados. Alem disso é uma lei geralmente reconhecida em Linguistica, (6) que o povo conquistador que impõe aos vencidos a sua religião, lhe impõe tambem a sua lingua; mas se a religião do povo vencido continua a subsistir, a sua lingua se conserva. Neste caso precisamente é que os hebreos se achavam; nem os gregos, nem os romanos tiveram a mania do prosely-

[5] Entre nós, penso eu, existe uma palavra coptica *éendes*, prolifico, fecundo; diz-se do ovo que se põe á gallinha para alli continuar a postura Joblonski Pantheon Aegypt. — L. 2. cap 7,

[6] Villemain, Cours de Lett. franç.

tismo; sua religião não era intolerante; os deoses dos povos conquistados tinham um logar no Pantheon, como deoses da Republica: Que argumento se pôde então tirar de os hebreos com o seu culto terem conservado a sua lingua, a que ella estava ligada com o mais exaltado fanatismo?

Não tem mais força o argumento apoiado na auctoridade de Santo Agostinho de que os carthaginezes, no fim do 4.º seculo e principios do 5.º ainda conservavam a lingua punica, *mormente nas povoações ruraes*.

As linguas conservam-se por um dos dois meios: os livros ou o isolamento. E' sabido que nos campos e nas povoações das montanhas, não só as linguas, mas os usos e costumes estão menos sujeitos a alterar-se, pela falta de communicação com os estrangeiros; mas isto reduz-se a uma questão de tempo, sem comtudo essa alteração, e mesmo extincção deixar de ter logar, posto que mais vagarosamente. Isto é o que devia succeder aos carthaginezes, perque é a ordem natural das cousas. Mas á auctoridade allegada de Sancto Agostinho, opporei o mesmo Sancto Agostinho, que prégando em Africa diz: *Proverbium notum est punicum, quod quidem latine vobis dicam, quia punice non omnes nostis; punicum enim proverbium est antiquum: Numquam querit pestilentia; duos illi da, et ducat se.* Assim, observa Villemain (Cours de litterature française) entre os descendentes de raça punica, o latim era universalmente espalhado, e entendido por aquelles que tinham esquecido a sua lingua, e por aquelles que a sabiam ainda. Deste logar de Santo Agostinho deve-

mos por tanto concluir, que o carthaginez já era no seu tempo como uma lingua morta; pois que se vê obrigado, para ser entendido, a traduzir em latim um proverbio, genero de expressões, que mais tenazmente se fixão na memoria.

Pergunta tambem o sabio auctor da memoria: « Porque os fenicios e os carthaginezes, que viveram entre nós tantos seculos com trato e commercio com os povos, e até dominaram parte do territorio; que tinham grandes frotas, excellentes generaes, e o ouro do mundo, nos não deixaram tambem a sua lingua, e só apenas alguns vocabulos? »

A resposta é facil: os negociantes aprendem a lingua dos povos com que negoceiam, e não estes a daquelles. Por opulentos que fossem os fenicios e carthaginezes; quaesquer que fossem suas armadsa, seus generaes, seu ouro, certamente não igualavam os inglezes, nem commerciam tão tranquillamente, nem por tanto tempo com nosco como estes: entretanto, quantas palavras inglezas temos no nosso dictionario? Eu não conheço nenhuma; e se alguma temos que se lhe possa attribuir, devemos antes reputa-la tentonica, transmitida directamente pelos godos, muito antes da communicação ingleza.

Proseguindo o nosso auctor, passa a demonstrar que o latim nunca fôra vulgar nas Hespanhas. Cita para este fim Alvaro de Cordova, escriptor do 9.º seculo, tambem apontado por Aldrete e outros. Suas palavras são as seguintes: *Linguam propriam nesciunt christiani, ita ut ex omni Christi Collegio vix inveniatur unus, in milleno hominum numero, qui salutaris fratri possit rationabiliter dirigere*

litteras, etc. A esta passagem ajunta outra de Terreros y Pando, em que se queixa de que, debaixo da dominação dos mouros, a lingua arabe se fizera vulgar nas Hespanhas, esquecida a latina, *propria da nação e da religião*, como lamenta em suas obras o martyr Santo Eulogio, Arcebispo de Toledo.

Estas duas citações, longe de fazerem a bem do auctor, são diametralmente oppostas á sua opinião; e se elle tivesse menos boa fé, deveria omittilas, por serem contra producentem. Mas ellas são conhecidas de todo o mundo litterato, e não havia fugir-lhes.

O que é innegavel é que Alvaro Cordovez e Santo Eulogio deviam saber melhor que lingua se fallava no seu tempo e que elles mesmos fallavam, do que um filologo de seculo 19.º; e que dizendo elles que o latim era a lingua *propria da nação e da religião*, é perder o tempo e o feitio pretender persuadir-nos do contrario.

Ao exemplo que aponta da lingua vascongada, contentar-me-hei de transcrever o que diz Mayans y Siscar (Origenes de la lengua espanõla tom. 1. pag. 45) que deve saber disto mais que nós ambos. « O que mais contri-
« buiu, diz elle, para a conservação da lin-
« guagem, foi o voltar logo (a Biscaia) á sua an-
« tiga rudeza, e o pouco trato com nações mais
« cultas; sendo certo que aonde não ha mui-
« ta communicação com estranhos, se con-
« serva mais a lingua antiga, e se não ha es-
« tudos, muito melhor. Depois dos romanos,
« vieram as nações setentrionaes e introdu-
« ziram suas linguas, porém não de maneira
« que abolissem a lingua romana, que já sº

« usava geralmente em toda a Hespanha, me-
 « nos em as montanhas mais fragosas da par-
 « te setentrional.... os cantabros, além das
 « vozes latinas que tinham recebido immedia-
 « tamente dos romanos, receberam outras mui-
 « tas dos hespanhoes ahi refugiados, accom-
 « modando-as a suas terminações, e modo de
 « pronunciar.... e pode-se assegurar que a
 « maior parte do vasconço, se se observa bem
 « suas raizes, tem origem latina, como o te-
 « nho observado.» Isto responde cabalmente
 ás asserções do auctor, e peço licença para
 seguir antes a opinião de Siscar do que a sua.

Em quanto aos catalães e valencianos, a
 lingua que fallam é a provençal ou limosina,
 filha igualmente da latina, como a nossa, e
 cuja differença consiste mais na orthografia e
 pronuncia do que no material das palavras.
 Tem-se sustentado este dialecto da Hespanha
 por emulação e rivalidade, e hoje talvez por
 odio; pois é sabido que a reunião de toda a
 Hespanha nas pessoas de Fernando e Isabel,
 foi mal soffrida pelos povos independentes,
 que tem feito objecto d'orgulho a conserva-
 ção da sua lingua e dos usos e costumes do
 tempo da sua nacionalidade. O mesmo se pó-
 de dizer dos dialectos de França. No princi-
 pio as provincias foram independentes, debai-
 xo do nome de condados; e depois da sua in-
 corporação na coroa, ficaram ainda conservan-
 do os seus usos e sua legislação local; mas
 depois da grande revolução e que o mesmo
 codigo rege todos os francezes, os dialectos
 vão desaparecendo, e não tardará que a lin-
 gua franceza os tenha totalmente absorvido.

Neste ponto de discussão, pergunto o sa-

bio auctor da memoria, com um tom que de-
 nuncia a sua satisfação: “Qual é pois esse
 “ particular privilegio que tiveram os roma-
 “ nos na Hespanha e Lusitania para que fi-
 “ zessem esquecer aos habitantes indigenas a
 “ lingua natural, para adoptarem um idioma
 “ estrangeiro?..”

Ou fosse por privilegio ou por lei com-
 mum, as auctoridades citadas d'Alvaro de Cor-
 dova, no seu *Indiculus luminosus* e a do Ar-
 cebispo Santo Eulogio, estabelecem o facto
 incontestavel de que o latim fôra vulgar nas
 Hespanhas. Além destas auctoridades, que nin-
 guem de boa fé recusará, temos um documen-
 to, que não permite a menor discussão nes-
 ta materia; o Fuero Jusgo (7). Este Codigo
 regeo toda a Hespanha gothica; depois da
 expulsão dos mouros ficou sempre sendo a lei
 do paiz; e só em 1241, quando S. Fernando
 o deu por Foro particular a Cordova, depois
 de conquistada, é que julgou preciso manda-
 lo traduzir em vulgar, para uso de seus novos
 vassallos. Isto prova da maneira mais positiva
 que até aquelle tempo, o latim era geralmen-
 te entendido em todo o resto das Hespanhas,
 pois ninguem se atreverá a sustentar, que se
 legislou n'uma lingua que o povo não enten-
 dia, e que todos os actos da vida social se ce-
 lebrassem n'uma lingua ignorada das partes
 contractantes.

Se o auctor finge ignorar qual foi o pri-
 vilegio que tiveram os romanos para transmit-

[7] Veja-se o Discurso preliminar pag. 37 ao Fue-
 ro Jusgo, da Edic. da Academ. de Madrid. de 1815,
 assim como o Glossario, em que se acham muitas pa-
 lavras portuguezas. —

tirem a sua lingua ás Hespanhas, eu lho digo. Esse privilegio foi a religião, foram as predicas, a liturgia christã. Não foram as tres cohortes, nem o pequeno numero de legiões, que o auctor teve o trabalho de calcular, nem os editos de Pretor, que fizeram essa conversão; foram os apóstolos da fé, os dominadores das conscienciae que penetraram por toda a parte, os poderosos agentes que a fizeram. Assim, a lingua do Christianismo, a lingua latina, que era a lingua dos prégadores, devia penetrar até as mais remotas povoações, e ficar dominando como lingua da nação e da religião. Se o povo hespanhol, sem ter adoptado o islamismo, e só pelo trato com os arabes, chegou no seculo 9.º a ponto de dizer Alvaro de Cordova, que de mil christãos, apenas haveria um que soubesse escrever uma carta familiar em latim; pergunto eu tambem da minha parte: Que privilegio particular é esse do arabe, para que o povo o falle, e se esqueça totalmente de sua lingua propria?

Nem se pense que seja mui rara essa quasi — impossibilidade — de se fazerem n'ua lingua mudanças *substanciaes e absolutas*, em que o auctor tanto insiste; porque não somente tem tido logar essas mudanças, mas muitas linguas se tem completamente extinguido (8).

[8] Balbi Introd. à l'Atlas Ethnographique du globe pag. 75. « Apezar da permanencia das linguas, a historia nos mostra uma multidão de nações que tem esquecido a sua lingua para adoptarem outra. Os gregos e romanos tem feito desaparecer os numerosos idiomas que se falavam na Europa meridional, e em parte do seu centro; fazendo alli dominantes as suas linguas nos tempos de seu poder politico e de seu esplendor litterario.

Ao conhecimento deste facto, que o auctor não pôde ignorar, é talvez devida a precaução do *quasi* preventivo, empregado para modificar a proposição.

Os factos apontados na nota, e muitos outros, que por brevidade deixei de referir, confirmam ou estabelecem a seguinte lei, que vou transcrever nos proprios termos de Mr. Balbi. « Quando dois povos, e por consequencia dois idiomas se chocão, o idioma menos cultivado, o menos litterario se perde em grande parte ou totalmente; porque não é a conquista, a dominação que introduz e sustenta tal idioma em tal paiz; é quasi sempre

Os arabes fizeram desaparecer d'uma grande parte da Asia oriental e da Africa setentrional as suas linguas maternas. E' assim que o vasto territorio occupado anteriormente pelo hebreo, finicio, punico, syriaco, chaldaico e egypcio antigo e moderno, e em parte o nobio, tem sido invadido pelo arabe, que se tem tornado a lingua natural dos habitantes dos paizes em que antigamente eram faladas aquellas differentes linguas.

Os hespanhoes e portuguezes deram a sua lingua a uma multidão de nações americanas, que por esta mudança tem cessado d'existir; algumas outras tambem na America do norte esqueceram a sua para não fallarem senão o francez e o inglez. A historia nos mostra os Visigodos e os Alanos perdendo o seu nome e a sua lingua na Hespanha, os Ostrogodos e os Herules tendo a mesma sorte na Italia. Ella nos mostra mais os Mourmios, os Merios e os Vossos e os outros povos ouralios desaparecendo da lista das nações comprehendidas nesta familia, amalgamando-se com os povos slavos, e adoptando seus costumes, sua religião e idioma:

Na Hungria, os Comanos, os Iazyges e os Szklees esquecerem o turco para não fallarem senão o hungaro &c. &c., e muitos outros que se podem ver no logar citado. —

a superioridade relativa do idioma que termina por torná-lo dominante, ou pertença ao vencedor, ou ao vencido.,,

Fazendo applicação deste principio incontestavel em linguistica aos hespanhoes e portuguezes, não pôde duvidar-se que a lingua latina, só pela sua superioridade sobre os dialectos peninsulares, ainda independentemente da influencia religiosa e da legislação, devia a final acabar por absorve-los e ficar dominando exclusivamente o paiz. E é summa impertinencia que, contra todos os factos, se insiste tenaz e repetidamente na difficuldade, ou quasi — impossibilidade — da mudança de fórmulas substanciaes nas linguas. Mas se alguém deseja ainda novos testemunhos, além dos já citados, pôde ver Strabão, (9) que diz expressamente (traducção de Xylandro) *Turdetani autem, maxime qui ad Baetim sunt, plane romanos mores assumsserunt, ne sermonis quidem vernaculi memores, ac plerique fac i sunt latini, et colonos acceperunt romanos: parumque abest quin omnino romani sint facti.* Nem podia deixar de ser. Apenas um seculo tinha passado (diz Denina) (10) depois da morte de Cicero e de Cezar, e meio seculo depois da de T. Livio e Virgilio, que os auctores nascidos em Hespanha eram estimados tanto ou mesmo mais que os romanos, ou quaesquer de seus contemporaneos, nascidos em Italia. Pesto que a preferencia que se desse a Seneca sobre Cicero, a Lucano sobre Virgilio fosse injusta, ella não prova menos o genio natural dos hespanhoes, pois que se tem tão eminentemente

[9] L. 3.º pag. 151 da Edic. de Paris, 1620.

[10] La Clef des Langues. T. 2. p. 4. sec. 1.

distinguido em um paiz aonde a cultura das letras tinha chegado ao mais alto gráo; o que não deixa a menor duvida de que a lingua latina fosse dominante na Hespanha. *Me peritus discet Iber,* diz Horacio, e não chamaria perito a um povo que não fosse exercido na lingua latina, e que o não merecesse por seus distinctos escritores. (11)

Assim, devemos ter por indubitavel, contra a opinião do auctor da memoria: 1.º que qualquer que seja a difficuldade que haja em as linguas mudarem suas fórmulas substanciaes, este facto se dá muitas vezes, até mesmo o da sua total extincção: 2.º que o latim foi a lingua vulgar das Hespanhas, pelas provas antecedentemente apontadas, a que se podem ajuntar as produzidas pelo erudito Aldrete na sua obra *Del origen de la lingua castellana* (12).

Concluida esta longa e prolixa discussão, em que o auctor, pelo desejo de mostrar uma facil e intempestiva erudição, muitas vezes se contradiz, (como quando, para provar que os hebreos sempre conservaram a sua lingua,

(11) Pode-se ver o seu numero e merecimento na Bibliotheca Hespanhola de D. Jo.é Rodrigues de Castro T. 2.

(12) No cap. 10. do L. 1. demonstra Aldrete, que se a Lingua hespanhola deixasse de ser vulgar como a latina, não se poderiam dar mais provas para demonstrar que ella fôra a lingua vulgar da Hespanha do que as que se dão para provar que o latim o fôra. O sabio auctor cuja memoria analyso, antes d'estabelecer a sua opinião, parece que deveria principiar por refutar Aldrete e todos os escriptores que elle cita no cap. 14. do L. 2.º E' perigoso deixar na retaguarda taes inimigos.

allega que Ezechiel, Eupolemo, Demetrio, Lyzimaco, Philo e Joseph escreveram em grego) passa a mostrar a diferença das duas linguas, e a primeira que menciona é que a portugueza não tem *casos* nos nomes, nem a forma passiva dos verbos latinos; diferença esta, que elle julga sufficiente para acabar de uma vez com a *d'cantada* filiação da lingua portugueza da latina.

A esta falta de *casos*, attribue tambem o auctor, em grande abundancia de palavras, graves inconvenientes, que resumirei: «Ca-
« rece d'amply liberdade em sua construcção,
« e das inapreciaveis vantagens que resultam
« dessa liberdade para variar o quadro do pen-
« samento, sem dispendio da sua clareza e
« precisão, para dar mais facilidade á expres-
« são do sentimento é a combinação harmonica
« das vozes etc.»

Felizmente nada disto assim é. O quadro do pensamento, a expressão do sentimento, a combinação harmonica das vozes, para me servir de suas proprias palavras, fazem-se muito melhor sem *casos* do que com elles; e a clareza e precisão das linguas modernas é infinitamente maior que a da lingua latina, o que lhes dá sobre esta uma superioridade incalculavel.

Que cousa são *casos*? são uma radical com o fragmento de uma preposição, que forma as *terminações*. Nós não temos nos nomes essas *terminações*, é verdade; mas por meio das preposições, variamos o discurso a ponto d'expressarmos todas as vistas do espirito, e todas as sensações imaginaveis, com uma precisão e clareza infinitamente maiores do

que os latinos o faziam com os seus *casos*. Darei disto uma prova irrecusavel. Suetonio diz, fallando de Augusto (13): «O seu prin-
« cipal cuidado era exprimir o mais claramente
« possível o seu pensamento; para o conseguir
« e não embarçar o leitor e o ouvinte, não
« duvidava ajuntar preposições ás palavras,
« e frequentes vezes repetir as conjuncções.»
Donde se vê que a lingua latina era sujeita a obscuridades com os seus *casos*, e que para ser clara, precisava de se aproximar das formulas adoptadas pelas linguas modernas; determinando por meio de preposições a relação das palavras, que os *casos* deixavam em ambiguidade.

Mas para que são precisas auctoridades, quando se sabe latim? As mesmas terminações communs a muitos *casos* e até d'ambos os numeros, principalmente na 1.^a, 4.^a, e 5.^a declinações, fazem tal confusão, que só pelo contexto se pode conhecer o caso em que as palavras se acham e este grave inconveniente, junto á frequente suppressão das preposições, tornam o discurso de difficil intelligencia, e o latim uma lingua summamente ambibologica. (14) No grego já assim não acontece: ainda que haja *casos* semelhantes, o artigo, que geralmente os acompanha, não deixa a menor duvida, nem sobre o caso, nem mesmo

(13) Vita Augusti cap. 86.

(14) Apontarei um exemplo, por ser dos primeiros que se encontram nas classes. Quando Vergil. diz (Ecl. 4. 60) *Incipe, parre puer, risu cognoscere matrem*; de quem é o riso? do filho, que rindo-se, mostra reconhecer a mãe? ou desta, que rindo-se, o ensina a reconhecer-la?

sobre o genero e o numero; e como todos os casos (excepto o nominativo) são regidos de preposições, não é sujeito ás ambiguidades do latim.

Como pôde então dizer o auctor, que a falta de casos traz *dispendio* (15) de clareza e precisão, quando, por meio das preposições, formamos todos os casos, grammaticalmente fallando; e determinamos sem ambiguidade todas as relações possíveis? O que nós fazemos, é o mesmo que os latinos praticam com seus nomes indclinaveis, com esta differença a nosso favor: elles não podem ajuntar preposições senão a dous casos, e nós podemos ajunta-las a todos; elles devem por tanto ser obscuros, e nós só se voluntariamente o quizermos ser. Assim todo o argumento tirado dos casos, reduzido á sua expressão verdadeira, consiste em que todas as nossas palavras são indclinaveis, entretanto que o latim tem um pequeno numero desta natureza: mas que tem esta circumstancia com a filiação da lingua? uma palavra muda de natureza, por ser ou não ser declinavel? Eu não o penso.

A liberdade de construcção e a combinação harmonica das vozes, quer dizer a transposição das palavras, a que o auctor parece dar grande importancia, em relação á harmonia. Pri-

(15) *Dispendio* toma-se por despeza excessiva. No sentido proprio, *dispendium* é a falta de pezo na balança, e no latim toma-se tambem pelo damno resultante desse máo pezo. Entre nós pode-se dizer no figurado, *dispendio* da saude, da vida, das forças; mas duvido que se possa dizer *dispendio* de clareza, por prejuizo da clareza, pelo menos é o que se chama *alambicado*. Vide Forcell. Voc. *Dispendium*.

meiro observarei, que a harmonia das linguas antigas, procedia da *quantidade*, e que as linguas modernas não tem senão *accento*. Assim, perdida a prosodia, está completamente perdido este genero de belleza. Nós lemos Virgilio e dizemos que seus versos são harmoniosos; mentimos: o ouvido não nos dá conta senão da cadencia dos dous ultimos pés; em quanto aos mais, podem estar errados, e ter mesmo o verso pés de mais ou de menos, sem que nós o conheçamos. Por tanto a harmonia nas linguas modernas, não depende das syllabas breves e longas; e a transposição das palavras, que se pretenda fazer nestas vistas, sem conseguir o seu fim, prejudicará á clareza.

Esta circumstancia, de ser o latim uma lingua transpositiva, e o portuguez uma lingua analogica, dá grande prazer aos grammaticos, que se persuadem achar nella um argumento indestructivel contra a sua afinidade; como se a maior ou menor inversão na collocação das palavras, podesse destruir o seu parentesco.

O grande erro destes grammaticos é persuadirem-se que a lingua portugueza (quando se diz que é filha da latina) deve provir da lingua de Cicero ou de Cesar; e nem mesmo da lingua que elles usavam familiarmente com seus concidadãos, senão da lingua que fallavam no senado e na tribuna em discursos de aparato.

Devem ficar entendendo de uma vez para sempre, que o portuguez vem da lingua popular, ou rustico romano antigo, tal qual era fallado pelo povo de Roma, e das differentes provincias do imperio, tão remotas de Roma

pela distancia, como pelos usos e costumes das diversas nações conquistadas. Este latim, assim corrompido ou melhorado, porque isso é questionavel, é que é a base das linguas meridionaes, e do qual a nossa directamente procede. Em fim, não é pelos classicos que nos chegaram que devemos avaliar a filiação da lingua portugueza; devemos ir busca-la ao latim popular, porque esse é que propagou a lingua, e não os livros, que eram mui raros, e que o povo não lê, mesmo quando, como hoje, são frequentes e communs.

Ora não só é summamente provavel, mas pode-se asseverar com certeza, que o povo não usava das transposições que empregavam os auctores em seus escriptos; não só porque muitos escriptores como Phedro, e Vel. Paterculo do seculo d'Augusto, e posteriormente Eutropio, Santo Agostinho e outros usavam pouco de hyperbato; mas Quintiliano o diz expressamente, quando censura aquelles que escreviam, sujeitando-se (como nós dizemos) ao nominativo, verbo e caso. (16) E se os escriptores já seguiam antes a ordem natural do que a transpositiva; como é de suppor que o

[16] Inst. Orat. L. 9. cap. 4. Illanimitia quorundam fuit observatio, ut vocabula verbis, verba rursus adverbis, nomina appositis et pronomibus rursus essent priora. Nam fit contra quoque frequenter non indecore. Esta censura, justa por não deverem os oradores cingir-se servilmente á ordem grammatical, quando o genio da linguagem lhes permittia uma collocação mais harmoniosa, Quintiliano a não faria aos outros escriptores e muito menos aos discursos oraes e familiares; pois no mesmo capitulo diz: *Felicissimus tamen sermo est cui et rectus ordo, et opta junctura et cum his numerus opportunè cadens contingit.*

povo, que não entende das delicadezas da linguagem, deixasse de seguir a mesma ordem que é a natural das idéas? Além disso ha no espirito humano uma tendencia constante para a clareza e para a ordem, e essa tendencia perenne necessariamente devia proscreever as transposições como causa d'obscuridade. Em quanto aos povos conquistados, e que, como nós, fallavam linguas analogas, não ha a menor duvida que aprendendo o latim, o sujeitavam infallivelmente a construcção directa a que estavam acostumados. E se não depõe contra a boa latinidade o dizer-se: *Accepi tuas litteras*, ou *tuas litteras accepi*, ou *litteras accepi tuas*, porque de todas estas tres fórmulas usa Cicero; não vejo porque razão se negue a filiação da lingua, só porque não póde usar senão d'uma destas fórmulas.

Além disso cumpre observar, que todas as linguas são mais ou menos transpositivas, e que a differença entre ellas consiste no mais ou menos relativo d'umas ás outras. O portuguez, é muito mais transpositivo que o francez, menos que o inglez, e incomparavelmente menos que o italiano; vindo assim a nossa lingua a tomar um meio termo, que sem seguir a marcha relugal e monotona do francez, póde variar as construcções com elegancia, sem prejuizo da clareza e da ligação das idéas; o que nem sempre acontece no inglez e no italiano. Neste ponto refiro-me aos discursos didacticos e historicos; porque na poesia são permittidas inversões mais ousadas, como se póde ver nos nossos grandes poetas, em que a lingua brilha com uma elevação e nobreza, talvez superior a tu-

do quanto se tem escripto nas linguas mais perfeitas.

A segunda objecção é que os latinos tem fórmulas passivas nos verbos e que os portuguezes carecem *totalmente* destas particulares fórmulas; não lhes tendo ficado da sua tão *decantada* filiação *nem um só vestigio dellas*, servindo-se d'auxiliares para as formarem: e mais abaixo accrescenta que estas differenças assaz mostram que a lingua portugueza não teve por modelo a *latina na formação dos seus verbos*.

Em quanto á voz activa, eu penso, e ninguém pôde deixar de pensar que *amo, as, at; amabam, as, at; amavi, amasti, ou amavisti, amavit; amavero, ris, it*: são assaz semelhantes á conjugação portugueza para se poder pôr em duvida, que esta tenha seu modelo no latim; e só por um lapso de penna ou n'um momento de irreflexão é que se poz em questão o que é tão claro como o dia.

Mas venhamos á voz passiva, de que *nem um só vestigio existe na lingua portugueza*. Os latinos diziam: *amatus, a, um sum* ou *fui*; *amatus, a, um eram* ou *fueram*; *amatus, a, um ero* ou *furo*; e no subjunctivo *amatus, sim* ou *fuerim, essem* ou *fuissem*. Aqui está pois a nossa fórmula passiva; não como vestigio da latina, mas tirada directamente della da maneira a mais completa; servindo-nos do verbo auxiliar para a sua formação, da mesma fórmula que os latinos o faziam; pois dizemos como elles: *fui*, ou *tenho sido amado*; *era*, ou *tinha sido*; *serei*, ou *heide ser amado*, etc. E' verdade que para alguns tempos tinham uma terminação particular passiva, e podiam dizer n'uma só palavra *amor, amabar*, eu sou,

eu era amado; mas podia-se dizer tambem, *amatus sum*, eu sou amado; *amatus eram*, eu era amado. Por quanto o tomar-se *amatus sum* por preterito, não é porque realmente tenha essa significação, mas por um idiotismo particular do verbo substantivo, que tambem se acha nas linguas modernas; assim os francezes dizem, e não podem dizer-lo d'outra maneira: *Je suis arrivé hier*; os italianos, *son ritornato al principio di questa mese*, em que o presente é tomado na significação do preterito, como na passiva latina. Pode ver-se esta doutrina em Sanches, que a expõe com toda a clareza. [17] Portanto não é mais fundada a asserção do auctor, quando diz que na lingua portugueza não existe um só vestigio da fórmula passiva latina, do que quando assevera categoricamente que a conjugação latina não fôra o modelo da portugueza.

Por esta occasião diz o auctor, que nós tomamos o verbo *stare*, n'uma significação de que *totalmente* carecem os latinos. Esta asserção é ousada: é preciso ter a consciencia de possuir um profundo conhecimento dos classicos latinos para se proferir. Comtudo nada ha mais falso. Os melhores auctores dão a *stare* a significação do auxiliar *esse*. Plauto [Pseud. 4. 2. 12] diz: *Heus tu, quid cum hircina barba stas?* [Eun. 3. 5. 46] *Sto expectans si quid mihi imperent*. Val. Fl. 5. 289. *Stat pectore fixum*. Vig. 6. 300. *Stant lamina flamâ*.

(17) Minerva L. 3. C. 11. Sic vero res se habet; duo activa participia, adjuncta verbo substantivo, totam perficiunt cujus libet verbi activam; et duo passiva, totam passivam. Sic *amatus sum*, praesentis vicem supplet; *amatus fui*, praesentis etc.

V. Fl. 7. 355. *Nam quantum ferro, tantum pietate potentes stamus etc.*

Do verbo *habere* como auxiliar, os exemplos são menos frequentes, mas ha-os dos auctores de melhor nota: Cicero, Phil. 5. *De Caesare satis dictum habeo* Plaut. *Quis istic habet?* quem está lá? E este exemplo, e os anteriores são tanto mais preciosos, que Plauto, como poeta comico, nos transmite nelles a linguagem popular, que sem elle ignorariamos. Devemos tambem inferir que a plebe romana usava dos verbos *stare* e *habere* como verbos auxiliares; que já Cicero usou do ultimo nesta accepção, e por consequencia a lingua portugueza cada vez se vai aproximando mais da latina.

Parece-me que tenho respondido ás duas poderosas objecções do auctor da memoria, e que a decantada filiação da lingua portugueza não fica por ellas prejudicada.

Continuando o auctor no seu empenho, diz: «Quem não admirará que sendo a lingua portugueza filha primogenita (como se quer suppor) da latina, não herdasse della uma só das fórmulas ou terminações em = ter = dos adverbios latinos; adoptando em logar dellas a terminação = mente, = que por erro etymologico se tem pretendido derivar do ablativo latino de *mens*?»

Quem isto ler deverá suppor que todos os adverbios latinos terminam em = ter = entretanto é sabido que elles tem todo o genero de terminações, e se não fosse o desejo de sustentar a sua opinião a todo o custo, sem se embarçar com a escolha das provas, o auctor veria facilmente que nenhum dos ad-

verbios do logar, de tempo, d'affirmar, perguntar, negar, duvidar, comparar, exhortar, apontar, exprimir divisão ou união terminam em = ter. =

Os adverbios que no latim tem esta terminação, são unicamente os derivados dos adjectivos da terceira declinação, por que se diz, *justo, juste, e pulchro pulchre* e nunca *juster, nem pulchreter*, e assim de todos os outros. Por tanto não ha motivo para querer que os adverbios portuguezes terminem antes em = ter = do que em qualquer outra de suas variadas terminações.

A razão porque as linguas meridionaes, filhas da latina, não adoptaram as terminações dos adverbios derivados dos adjectivos é a seguinte: Estes adverbios terminavam em = e = longo, ou em = ter = breve; os primeiros tinham o inconveniente de se confundirem com o vocativo ou ablativo, e por isso não podiam ser adoptados sem perigo de confusão. Apesar disso, acha-se no *Leal Conselheiro* muitas vezes *semelhante* por *sêmelhantemente*, o que prova que esta terminação não foi abandonada senão posteriormente, pela confusão que causava. A terminação adverbial em = o = ainda hoje a usamos, pois dizemos, certo, claro, justo, prompto, primeiro etc. por certamente, claramente etc.

A terminação = ter = não foi adoptada, pela dificuldade que os povos barbaros tinham em pronunciar as syllabas breves, as quaes ordinariamente suppruntam; assim d'*episcopus*, fizeram bispo, e de *diabolus*, diabo. A esta mesma dificuldade é que devemos o não se achar na nossa lingua uma unica palavra,

que eu saiba, derivada da latina, que termine em = er = ou = ter = breve. Foi por isso que de *macer* fizemos magro; d'*asper*, aspero e assim dos mais.

Julgaram então por mais conveniente, para dar aos adjectivos a fôrma adverbial, juntar-lhes a palavra *mente*, que nos melhores auctores da lingua latina já se achava empregada para o mesmo ministerio. Menagio cita grande numero de logares para provar esta doutrina, e de todos só referitei o seguinte de Sancto Agostinho na Carta 24 aos de Ma-daure: *Quis hoc posset serenissima et simplicissimamente contineri?* A que observa Beauzée « A maneira porque os hespanhoes empregam muitas vezes estas sortes d'adverbios, pôde servir muito para apoiar a opinião de Menagio; porque, quando elles empregam successivamente dous adverbios em *mente*, separamos de fôrma, que não deixam a terminação *mente* senão no ultimo. Assim, achase nos melhores auctores: *Segura y libremente, blind y tiernamente.* » Além das citações de Menagio, [obs. v. 2] na nota apontarei mais algumas d'auctores da mais pura latinidade; que poderia estender, para assim dizer, ao infinito, se não fosse o amor da brevidade. [18]

(18) Virgil. Aen. 2.588. *formata mente ferebar.* L. 3.388. *tu conditâmente teneo.* L. 4. 105. *sensit enim simulatâ mente locutam.* Horat. L. 3. od. 253. *veloxmente novâ.* Claud. Carm. 7.182. . . . *qui mente serenâ maturoque regunt moderamine gentes.* Id. 15.492. *cantâ qui mente notaris.* Id. 21. 232. *devotâ mente tuentur* Id. 28.106. *tuum sprevere profanamente patrem.* Apulei Metamorph. L. 1. pr. *tamen dubia mente accepi* Id. 11. pr. *nec profanamente debebis operiri. . . . et penita mente conditum semper tenebis.*

Este mesmo procedimento, de se juntar a palavra *mente* aos adjectivos, foi seguido, além dos hespanhoes, por francezes, e italianos; e ainda que é de presumir que na sua origem fosse empregado este vocabulo para designar o estado do espirito e da mente de cada um, relativamente a acção de que se tratava; o habito constante de o empregar na fôrma adverbial, fez com o tempo perder de vista a sua significação primitiva, e considerá-lo como parte integrante dos adjectivos. Que a palavra *mente* é o ablativo *mens*, é reconhecido por todos os grammaticos de melhor nota, fundados nos innumeraveis exemplos que se encontram nos classicos; e o sabio auctor da memoria, que nos diz magistralmente que é por erro etymologico que se tem pretendido derivar do ablativo latino de *mens*, deveria dar-nos a verdadeira etymologia, por que não creio que tenha a pretensão de que o publico o acredite sobre sua simples palavra. [19]

Depois disto, passa o auctor a notar mais algumas differenças entre as duas linguas, e passageiramente aponta tres que são: A falta de comparativos e superlativos á latina; a falta de terminações augmentativas e diminutivas, semelhantes ás daquela lingua; e por ultimo que o portuguez *enjeitou desdenhosamente*

[19] Court de Gebelin Gram. univ. pag 325 é o unico grammatico que conheço que deriva *mente* de *ment* palavra antiga franceza; mas se os francezes tomam della o seu *ment*, no que não convém os mais grammaticos da mesma nação; certamente nem nós; nem os hespanhoes, nem os italianos lá fomos buscar o nosso *mente*.

os miudos vocabulos chamados particulas, que destinados a ligar as partes do discurso, produzem o maior effeito sobre o quadro do pensamento e lhes dão energia, calor, graça e unidade.

Principiaremos pela ordem inversa. E' na verdade para lamentar que a nossa lingua não seja mais rica de particulas: esta deficiencia põe em grande embaraço os escriptores que difficilmente podem fazer a ligação do discurso e as transicções: ponto dos mais difficeis da arte de escrever. Os mais habéis escriptores apresentam antes uma successão de periodos descosidos, e sem nexos, do que um tecido ligado e unido; elles acham-se como encostados uns aos outros sem liame, mais ligados pelo sentido que pelo mecanismo da linguagem. A lingua latina é neste particular infinitamente inferior á lingua grega; mas apesar d'essa inferioridade, teriamos lucrado muito se tivéssemos adoptado todas as suas particulas. Os nossos maiores não as receberam todas e a razão parece obvia. As particulas não tem por si mesmo significação alguma, desacompanhadas das outras palavras: que idéa podiam ligar povos grosseiros a *at*, *seu*, *quidem*, *enim*, *versus*, *equidem*, *vix siquidem* etc., cujo valor não pôde ser apreciado senão por um ouvido exercido, e por quem tiver já o gosto habituado á belleza da linguagem? Nenhuma, nem era possível; e por isso não podendo estas palavras sustentar-se no discurso, foram obrigados a adoptar outras que tivessem mais consistencia, o que executaram, traduzindo-as, para assim dizer, em outras tiradas igualmente do latim. Darei disto alguns exemplos. *Nunc*

não podia adoptar-se, porque a nossa lingua não admitte palavras acabadas em *=c=* e se este se perdesse ficaria *nun*, que se confundiria com *non*, por isso substituiu-se por *agora*, *haec hora*. *Plus* não podia ficar pela difficuldade da pronuncia do *pl*, que ordinariamente trocavam em *ch*, fazendo de *pluvia*, chuva, *deplorare*, chorar, e por isso adoptou-se mais, de *magis*, que tem a mesma significação. *Sed*, *at* monosyllabos terminados em letras desinenciaes que a lingua rejeita, foram substituidos por *mas*, contrahido de *mais*, já contrahido de *magis*. *Quia* foi traduzido por *per quod* ou *per quæ*, porque: *Quomodo*, como é a mesma palavra. *Tunc*, naquelle tempo, não podendo subsistir pelas mesmas razões de *nunc*, foi conservado, apoiando-o na preposição *in*, que o converteu em entonce, e hoje em então.

Sic, produziu assim. *Statim* e *mox*, logo, de *in loco*. *Ast*, *atqui*, porém, antigamente *perro*, vem de *per hoc*. *Quoque* e *etiam*, tambem, de *tam bene*; *vix*, apenas (*cum*) *poena*. *Equidem*, *quidem*, na verdade, de *in veritate*. *Forsitan*, *fortasse*, quiça, de *quis scit* ou *sapit*, ou acaso, de *ad casum*; *cito*, cedo é a mesma palavra. *Sero* foi substituido por *tarde* de *tardè*. *Tamen* foi substituido por não obstante, com tudo, todavia, derivados do latim. *Hactenus* é a mesma palavra que até, syncopado. *Ut*, a fim que, *ad finem quod*. *Nam*, por quanto, por isso que, é *per quantum*, *per hocce quod*. *Quare*, *car*, é *quare*.

Destes exemplos e d'outros mais que seria facil produzir, ve-se claramente que a lingua portugueza não enjeitou desdenhamente as

particulas; antes adoptou todas aquellas em que não encontrou alguma difficuldade; e aquellas que não poude receber, substituiu-as por palavras latinas da equivalente significação; de maneira que este procedimento da lingua é uma nova prova da sua filiação da latina, e prova a que não é possível responder-se.

A objecção immediata é que não adoptamos as terminações dos augmentativos e diminutivos latinos.

Não adoptamos as terminações dos augmentativos latinos por uma razão tão simples como terminante; a saber: porque os latinos não tinham augmentativos.

Em quanto aos diminutivos, tomamos muitas e até os mesmos diminutivos. Exemplos de uma e outra cousa: *cubiculo*, *tabernaculo*, *éculeo*, *glandula*, *escudella*, *formula*, *canicula*, *naveta*, *casula*, *clavicula*, *modulo*, *cadella*, *portella*, *janella*, *espatula*, *particula*, *vitella*, *castello*, *libello*, *columnello*, *donzella* e *donzel*, *conventicule* etc.

Comtudo é certo que os diminutivos formados pelas terminações *ulus*, *ula*, *ulum*, são pouco numerosos, e menos que os formados da de *ellum*, *ella*, *ellum*, [20] e de *illum*, *illa*, *illud*, pela difficuldade de pronunciar a syllaba breve *ul* intermediaria; a qual ou a omit-

[20] Destas terminações latinas nos vem alguns diminutivos, que geralmente são desconhecidos; porque perdendo o *l*, em lugar de os formarmos em *ella* os formamos em *eo*; por exemplo *manteo* de *manto*, *corucho*, pequeno capacete; *capiteo*, pequena cabeça; *arpeo* d'arpão; *patareo* de *paão*; *mastareo* de *mastro*.

tiam como de *spectaculum* fazendo *espectaculo*, ou a alteravam como de *speculum*, fazendo *espeelho* e de *vetulus*, *velho*, porque d'alli é que se deriva e não de *vetus*. Os diminutivos em *ulus*, *ula*, *ulum*, de resto, tinham no latim muito pouco uso, e apenas se encontram nos escriptores eroticos, ou nas occasiões de gracejo, como o celebre epigramma do Imperador Hadriano: *Animula*, *vagula*, *blandula* etc.

A mencionada difficuldade de pronunciar as syllabas breves intermediarias, fez que o grande numero dos nossos diminutivos terminem em *inho* *inha*. Sabe-se pouco mais ou menos o valor de cada terminação, e este estudo é essencial em relação a Synonimia; mas ainda se ignora o motivo porque se preferio antes uma terminação do que outra para designar uma idéa particular accrescentada á radical. É provavel, ou antes se póde ter como certo, que a nossa terminação *inho* e *inha* vem de *illus*, *illa*, *illum*, e assim que de *lupillus*, fizemos *lobinho*, de *mamilla*, *maminha* de *murmurillum*, *murmurinho*, e em geral de todos os mais, por ser talvez esta terminação de uma pronuncia mais facil.

Mas se é d'uma verdade incontestavel, que a essencia das palavras consiste na radical, e que a terminação é variavel em diferentes povos ou segundo a maior ou menor facilidade dos orgãos para pronunciar, ou da delicadeza do ouvido para perceber antes umas syllabas do que outras; ainda que nós não tiveramos adoptado do latim uma unica terminação dos seus diminutivos, nem por isso se poderia dizer que a lingua portugueza não era filha da latina: porque, quando se trata de co-

nhecer o valor d'uma palavra, principia-se por despoja-la da terminação, e das letras ou preposições accrescentadas no principio para não deixar senão a radical, que essa é que é a palavra, e não o cortejo que a acompanha.

A ultima das tres objecções de que nos occupamos é de que não temos os comparativos em = or = e apenas o pequenissimo numero de tres ou quatro; e que não adoptamos senão muito tarde os superlativos em = issimo =

E' verdade, que não temos os comparativos em = or =, mas não o é que o numero dos que temos seja tão limitado como o auctor pretende; porque, alem desses tres ou quatro a que provavelmente se refere, a saber, maior, menor, melhor, pior, temos ainda superior, inferior, ulterior, exterior, interior, posterior, prior, embora d'alguns delles se não conservasse o positivo. Mas qualquer que seja o seu numero, é certo que a nossa lingua não adoptou na generalidade esta fórma, a qual talvez fosse util que os sabios ampliassem quanto a eufonia o permittisse, porque a lingua ficaria mais rica e variada.

Os motivos porque os nossos maiores os não receberam, a meu ver são os seguintes: 1.º Os comparativos são formados dos casos em *i*; *doctus, docti, doctior, sapiens, sapientis, sapientior*; e não havendo casos nas linguas modernas, não podiam ou não sabiam formá-los. 2.º O ouvido devia resistir a esta fórma, porque ninguém poderia soffrer que de sabio se fizesse sabior, e de douto doutior. Alem d'isso as vogaes finaes breves são de difficil pronuncia, e daqui vem que o povo ordinariamente as transpõe, dizendo fadairo em lugar de fadario.

E' tambem sabido que no latim havia muitos adjectivos que não tinham nem comparativos, nem superlativos, assim como *patrius, legitimus, duplex, claudus, unicus, dispar, arduus*, e outros; e nestes os romanos se serviam de *magis* e *maxime* ou *valde*, para formarem os grãos de comparação; o que tambem muitas vezes praticavam com os mesmos adjectivos que tinham comparativos e superlativos, como é constante.

Ora sendo difficil a povos grosseiros conhecer quaes eram os adjectivos que tinham comparativos e quaes não; e vendo que mesmo aquelles que os tinham eram susceptiveis de os formarem por meio dos adverbios *magis* e *maxime*, nada ha mais natural do que adoptarem este methodo, preferivel pela sua simplicidade.

Assim, o não termos comparativos em = ior = nada prova contra a filiação da lingua portugueza: 1.º porque se não formamos os comparativos pelas duas fórmas porque os latinos os formavam, formamo-los por uma dellas, e isto basta para que não repugne a dita filiação. 2.º porque a forma fundamental e primitiva da palavra é o positivo; e se este for latino, a terminação não póde priva-lo de sua naturalidade.

Os superlativos em *issimo* foram recebidos muito tarde. E' possivel; e nos escriptores do principio do seculo 15 não acham. Mas como poderemos nós verificar o tempo da sua introduccão? Nós não temos nada em vulgar anterior ao Sr. D. Affonso 3.º, e o que nos resta delle e de seus primeiros successores, são disposições d'administração e justiça e do-

cumentos de troças, compras e vendas, bem pouco proprios para nelles se encontrar este genero de palayras. Comtudo é de presumir que por este tempo já se usavam estes superlativos, pois que no *Livro velho das Linhagens* (21) anterior ao Nobiliario de D. Pedro, e que por tanto deve ser do tempo do Sr. D. Affonso 3.º, se diz, fallando-se dos Godinhos, que descendem do *nomelissimo* sangue dos Godos. João de Barros, auctor da primeira grammatica da lingua, é quem nos poderia esclarecer sobre este ponto, mas contenta-se com dizer: *que alguns nomes que recebemos do latim vay a significação superlativa já formada, assy como doutissimo, sapientissimo e outros que o uso nos fez proprios.*

Seja porém qual for a época da sua introdução na lingua portugueza, é certo que as linguas não se formam de um jacto; ha um trabalho continuo e insensivel para o seu aperfeiçoamento, ou alteração, e que, ou nós os tomássemos tarde, ou, mais provavelmente, os retomássemos depois de os termos abandonado, elles são latinos, e o tempo não vem aqui nada para o caso. E' na verdade um singular methodo d'argumentar! A lingua portugueza não é filha da latina por que tem poucos comparativos em = or = embora forme a totalidade delles pela fórma porque tambem os romanos os formavam; a lingua portugueza não é filha da latina, porque supposto tenha superlativos latinos, tem-nos ha pouco tempo. Não fará favor de dizer-nos de que data os que-

[21] Provas da Historia Geneal. da C. R. T. 1. pag. 145

ria para que a *decantada filiação* não fosse prejudicada?

Depois destas difficuldades, encontra o auctor ainda outra, e esta tem o merecimento de não ser suggerida, nem por Girard, nem por Beauzeé, que vem a ser o grande numero de proverbios, rifões e anexins que temos sem virem do latim, e que até nem nelle se podem traduzir senão por outros equivalentes.

Para que o auctor podesse fazer um argumento concludente sobre esta materia, era necessario que soubesse com certeza que todos os proverbios latinos tinham chegado até nós; mas elle não só a não tem, mas pode se asseverar que a tem do contrario. Os proverbios andam somente na boca do vulgo, e não tem lugar, nem nas obras graves, nem mesmo na conversação de pessoas de alguma consideração. Estou certo que o illustre auctor não ouzaria proferir um proverbio fora do seu gabinete, ou que não fosse na presença d'amigos muito particulares. Assim, querer ajuizar dos proverbios latinos por Virgilio, Horacio ou Tito Livio é o mesmo que querer ajuizar dos nossos por Camões, Diniz, ou João de Barros. Nós mesmos, sem Jorge Ferreira, teriamos perdido grande parte destas expressões triviaes e populares; e aquellas que por muito vulgares e conhecidas no seu tempo, se contentou só com as apontar, já hoje se não podem restabelecer.

Comtudo o auctor não é exacto, e ainda aqui, como em alguns dos casos precedentes, pecca pela generalidade que habitualmente dá ás suas asserções: Daquelles proverbios que exprimem maximas ou sentenças moraes, ou

seja directamente ou debaixo de allegorias de facil intelligencia e applicação, temos muitos tirados do latim; e para que não possa sobre isso haver a menor duvida, apontarei aquelles somente que tomámos pelas mesmas palavras (22).

Aquelles porêm que não exprimem sentenças moraes, ou que exprimindo-as, são fundados em factos particulares dos romanos, ou em seus usos e costumes civis e religiosos que nós não adoptamos, é evidente que esses, nós os não podiamos adoptar. Assim tem elles grande numero de proverbios que lhes forneceram sua religião, seus deoses, e seus ritos, que lhes são proprios; da mesma maneira que nós temos muitos que nos forneceu nossa religião, nossos santos e nossas ceremonias religiosas, que são exclusivamente nossos. Apon-

[22] Tornar de cavallo para burro, *ab equis ad asinos*. Em quanto ha vida, ha esperança; *aegrotum dum anima est, spes est*. Nem pés nem cabeça; *nec pes nec caput*. Não cuspir para o ceo; *ad coelum expuit*. Quem mal faz, para si o faz; *sibi parat malum, qui alteri parit*. Pot de mais é a decuada na cabeça do asno, *asini caput ne laves nitro*. A continua goteira faz signal na pedra; *assidua stilla saxum excavat*. Muito pode o gallo no seu poleiro; *gallus in suo sterquilino multum potest*. Vaso máo não quebra; *malum vas non frangitur*. Fugio-lhe a lingua para a verdade; *lingua lapsa verum*. A fartura faz bravura; *satietas ferociam parit*. Anda o carro diante dos bois; *carrus bovem trahit*. Cahio no laço que armou; *in suo ipsius laqueo*. Rato que não sabe mais de um buraco; *mus non uni fidit antro*. Na terra dos cegos, o torto é rei; *inter coecos regnat strabus*. Deitar azeite no fogo; *oleo incendium restringere*. Foi-se com as orellas baixas; *demissis auriculis*. Uma demanda traz outra; *litem parit lis*. Lagrimas de crocodilo; *crocodili lacrymae*. Quem

tarei alguns na nota (23) para que o auctor nos diga se os esperava achar nos auctores latinos.

São tambem privativamente nossos, os numerosos anexins que tiramos de nossos jogos, por exemplo, da bola, e do gamão (24) que os romanos não tinham; assim como nós não podemos ter os que elles formaram dos seus jogos de gladiadores, combates de feras, e todos os outros do Circo, do Stadio, e do

dá logo, dá duas vezes; *bis dat, qui cito dat*, e muito outros que se pódem ver em Erasmo, Proverb. Ept., e muito principalmente se se não quizer restringir á traducção litteral.

[23] Donde o clérigo canta, dahi janta. Eu vou lerei a Cartilha. Para a ressurreição dos capuchos. Pelos domingos se conhecem os dias santos. É um Ripanso. Pela semana faz a raposa com que não vai no domingo á missa. Presunção e agoa benta etc. A cera sobeja queima a igreja. Ensinar o padre nosso ao Vigario. Quando Deos não quer santos não rogão. Vio-se entre a cruz e a agoa benta. Bem é missar e a casa guardar. A máo capellão, máo sacristão. Confissão de castanqueta, absolvição de burra preta. Nem tanto amen que se damna a missa. De marido, cera gastada, elle vivo. O habito não faz o frade. A quem Deos a der, S. Pedro a benza. O que se não faz em dia de Santa Luzia etc. Eu não vivo de benesses. Quando o não dão os campos, não o hão os sautos. De pobre bispo, pobre serviço. Disso pregão os pregadores. Bal-drejada como breviario de igreja. Le com Le, e cre com cre. Telha de igreja sempre gotsja. Andar no cavallo dos frades. Quem não tem padrinho morre mou-ro etc. etc.

[24] Gamão é palavra celtica, significa jogo; é o mesmo que *game* inglez, e *gamain* islandez. Bola é palavra tentonica, usada em toda a Saxonia, e escreve-se da mesma maneira. Póde tambem vir do latim *bullā*.

Theatro. Os fundados sobre a sua historia, e sobre a historia grega, tambem os não podiamos adoptar, por serem de personagens que nos não interessavam, como *Etiam si Cato dicat, Ther-sita deformior* e outros muitos desta natureza.

Cumpra além disso observar que os risões, proverbios e anexins, como dependentes dos usos e habitos populares, são variaveis com elles, mudando os povos de risões, segundo mudam seu modo de vida, seus divertimentos, suas occupaões ordinarias e os meios de adquirir a sua subsistencia: e não sendo a vida social dos romanos a mesma que a nossa, é evidente que muitos de seus risões e proverbios não podiam chegar até nós; pois que dos nossos mesmos muitos estão em desuso, com a mudança dos antigos costumes, taes como aquelles que se referem á antiga milicia, á caça de alienaria, ás conquistas, e trato com os mouros, ás justas e torneios.

Daqui vem não podermos dar com certeza como recebido dos latinos senão aquelles que, como os já apontados, se referem á natureza humana e á moral universal; por que estes sobrevivem a todas as vicissitudes; sem que comtudo se possa asseverar que não recebessem muitos outros; porque sendo da natureza destas expressões transmittirem-se mais pela tradição que pelos escriptos, nada prova o argumento negativo de se não acharem nos auctores.

Assim não creio que a falta de alguns proverbios relativos a circumstancias locaes e variaveis, ou a usos e costumes que nós não adoptamos, possa fazer alguma prova contra a filiação da nossa lingua.

A ultima objecção que o sabio auctor faz contra esta filiação é que a lingua portugueza tem artigos e a latina carece delles.

Esta objecção não póde ter logar contra aquelles grammaticos que são de opinião que os latinos tinham artigos, e cujos fundamentos se podem ver em Court de Gebelin. (25) Entretanto eu acceito a objecção, porque estou persuadido que na lingua latina os não havia, e basta-me para assim o pensar a auctoridade de Quinctiliano, que expressamente o diz. (26) E' verdade que Varrão, fallando de *quisque* e *hic* lhes chama artigos; mas é por que os antigos escriptores, como bem observa Harris, (27) chamavam artigos a todas as palavras que sendo associadas aos nomes serviam para determinar a sua significação; opinião que muitos grammaticos modernos tem adoptado, como *Romani* e outros. (28)

E' porém de suppor que o latim, procedendo do dorico e eolico, tivesse na sua origem o artigo grego, e se dissesse *ho pater*, *ha mater* como naquelles dialectos; mas tambem não padece duvida que o dito artigo foi abandonado, talvez na supposição de que era supprido pela terminação dos casos, e que o sentido das palavras ficava sufficientemente determinado pelo contexto do discurso. Até certo ponto isto era verdade; mas quando as declinações se foram perdendo, era indispensavel tomar o artigo, porque não havia outro meio

[25] Gram. univ. pag. 112.

[26] Inst. Orat. L. I. cap. 4. *Noster sermo articulos non desiderat.*

[27] Hermes, philosoph. inquiry pag. 75.

[28] Teorica della Lingua Italiana.

de individualisar os nomes genericos, nem de estabelecer a relação das palavras entre si senão pelo seu auxilio, conjunctamente com as proposições a que se une para formar proposições articulares.

Assim, ou o povo romano usasse já vulgarmente de *ille, illa, illud* como artigos, segundo querem alguns, ou os barbaros os introduzissem, como querem outros, o certo é que com a sua adopção, as linguas modernas ganharam sobre o latim uma grande superioridade: porque exprimem por meio delles muitas ideias particulares que no latim é absolutamente impossivel poder exprimir. Não é aqui logar de tratar dos idiotismos do artigo, mas cada um os póde ver, se quizer, em *Viger, Lennep, Beauzéé* e muitos outros.

A introduccção do artigo é por tanto um melhoramento, e não creio que sobre elle se possa formar uma objecção solida contra a filiação da lingua. Porque, se se não póde negar que a lingua latina procede da grega, pelo fundamento de que esta tem artigos e aquella não; tambem se não póde negar á lingua portugueza a sua filiação da latina porque esta os não tem e aquella os adoptou. Se se attendesse a semelhantes differenças, com muita mais razão se poderia negar ao latim a sua procedencia do grego; porque no latim, além de não haver artigos, como fica dito, não tem tambem o numero dual nos nomes, nem nos verbos; não tem voz media, nem aoristos, nem o optativo, nem muitos tempos do imperativo, nem os desenove participios, com que os gregos fazem muitas construcções elegantes, que os romanos não adoptaram ou não

poderam adoptar; differenças estas muito mais consideraveis do que a adopção do artigo, que se acha em todas as linguas conhecidas.

Donde devemos concluir que a admissão do artigo na lingua portugueza, não é senão um aperfeioamento, para o qual tendem incessantemente todas as lingoas vivas, e que, nesta qualidade, deve collocar-se na ordem dos melhoramentos, isto é, como um acrescentamento ao fundo já existente, sem que por forma nenhuma se lhe opponha ou o contrarie.

Tendo o auctor percorrido o campo das differenças que ha entre as duas linguas, e sentindo-se incommodado com immenso numero de vocabulos latinos que se acham no portuguez, procura atenua-lo, exforçando-se por mostrar que esses vocabulos *não são tantos como vulgarmente se suppõe.*

Nestas vistas começa por fazer varias exclusões, e a primeira que nos aponta são as interjeições; porque sendo, diz elle, a expressão de sentimentos naturaes, se devem achar identicas, em grande parte, em todos os idiomas.

Convenho na doutrina; e se o auctor se limitasse a essa meia duzia de sons inarticulados, expressão do sentimento interior, a sua exclusão seria fundada; porque essa expressão é a mesma em todos os tempos, como o é a natureza das sensações: mas quando o auctor quer estende-la á expressão da intelligencia, dizendo que *guai, bem, sus* são expressão dos sentimentos naturaes, a sua pretensão é insustentavel e destituida de fundamento.

Guai na sua origem é uma expressão de

aviso e de cautella; guarda-te: o uso depois a tem tomado na accepção de *vae!* latino. (29) Qual é aqui a expressão dos sentimentos naturaes, *guai* ou *vae* ou ambas? nenhuma. *Bem:* é outro exemplo do auctor, mas os inglezes dizem *well*, *very well*, terão elles outros sentimentos naturaes differentes dos nossos? Não ha interjeições mais communs do que *Jesu!* *Credo!* *Virgem!* Não se poderá saber porque foram omittidas na enumeração, sendo incluídas aquellas?

A excepção de alguns gritos naturaes, indicativos da alegria, da dor, do temor, todas as mais interjeições são arbitrarias ou de convenção; porque alias seriam semelhantes em todas as linguas. Nós exprimimos a alegria por *oh!* *ah!* *haha!* (30) os francezes por *haha!* e os alemães por *hey*, *heysa*, *lustig*; donde se vê que nem mesmo na expressão involuntaria deste sentimento ha completa uniformidade.

Devemos por tanto assentar, que alem do pequeno numero de gritos naturaes, expressão do sentimento interior, todas as mais interjeições entram na ordem geral das outras palavras; pois que lhes falta aquella constante

(29) *Guai* de quem ma fama cobra. *Enfros.* 2. 4. *Guai* dos tristes que estavam guardando. *Gil. Vic. Dialogo 1.º da Resurreição.*

(30) *Haha!* falta no *Diccionario de Moraes* e contudo é portugueza e della usa *Gil Vicente*

Caravela de Coruche

Vai por nabos a Pombeiro

Quem fosse o capitão della...!

Haha! Haha! Haha! Haha!

Não d'Amores.

uniformidade que, se não fossem de convenção, as deveria tornar iguaes e semelhantes em todas as linguas.

Por esta razão, devemos tambem assentar que *bem* e *sus* são latinas; *bem* de *bene* e *sus* de *supra*. *Guai*, não podendo vir de *vae*, provavelmente a recebemos do italiano, ou a formamos do verbo *guardar*. Por tanto a exclusão das interjeições é inadmissivel da fórmula que o auctor pretende.

A segunda exclusão que o auctor julga que se deve fazer é a das onomatopeas; porque, diz elle, sendo imitações de sons, a lingua portugueza não tinha necessidade de as ir buscar á latina.

Aqui o auctor labora n'uma falsa supposição. Presume que os sons são sentidos e reproduzidos semelhantemente por toda a parte, o que não é verdade. Ou seja porque o ouvido dos differentes povos não percebe os sons da mesma maneira, ou que os órgãos da voz tenham mais facilidade em proferir antes uns sons do que outros, o certo é que as onomatopeas não são uniformes, como é sabido por quem tem algum conhecimento das linguas. Nós dizemos, por exemplo, *truz truz* o som de bater á porta; os francezes dizem *pan pan*; nós designamos por *catrapez* o som do galope do cavallo, e elles dizem *patapan*.

Assim as onomatopeas devem entrar na regra geral das outras palavras; e se nós as tivermos semelhantes a alguma lingua anterior ou contemporanea, devemos concluir ou que as tiramos dellas, ou que a ultima as recebeu de nós.

A palavra *rã* é sem duvida uma onomato-

pea; recebe-la-íamos de *batrakhos* grego, de *frog*, inglez ou de *grenouille* francez? Penso que todos dirão que antes a recebemos de *rana*, æ. *Corvo* é outra onomatopea, não virá ella antes do ablativo *corvo* do que do inglez *raven*? *Rugito* não virá antes de *rugitus* do que de *bruit*, posto que este possa tambem vir do latim? e assim de uma infinidade de outros?

E' incontestavel que ainda que os sons dos objectos sonoros sejam sempre os mesmos, a imitação é diversa, segundo o genio de cada lingua, segundo o clima em que essa lingua se falla e segundo a maior ou menor aptidão dos órgãos da voz para os reproduzir, ou da delicadeza do ouvido para os perceber. Por tanto a exclusão das onomatopeas não é mais fundada do que a das interjecções, e tanto umas como outras nos pôdem vir do latim, como effectivamente vem muitas, da mesma e idêntica maneira que os outros vocabulos.

A's duas exclusões apontadas, ajunta o auctor outro que é, segundo as suas proprias palavras "a numerosissima familia dos vocabulos que compõem o dictionario da infancia."

Cumpra antes de tudo observar que a expressão = numerosissima familia de vocabulos = faz um contrasenso com infancia. Por isso que a infancia não pôde reter, nem pronunciar numerosos e menos numerosissimos vocabulos, é que se adoptaram alguns, compostos d'articulações de facil pronunciação, que formam uma familia summamente limitada, e pode-se mesmo dizer quasi imperceptivel.

Mas porque razão quererá o auctor ex-

eluir estes vocabulos? Ei-la aqui: porque, diz elle, são formados de articulações labiaes sem dependencia de qualquer convenção. Por esta theoria, allegada e não provada, a natureza ensina aos mininos a dizerem *papa*, *maman*, *nanar*; e como são articulações labiaes, por toda a parte aonde houver mininos, devem necessariamente dizer *papa*, *maman*, *nanar*. O absurdo desta proposição está na sua simples enunciação.

Mas tão longe está ella de ser verdadeira que, pelo contrario, se ha palavras de convenção, nenhuma o são tanto como estas; por que ellas não são senão um arremedo das palavras usuaes da lingua do paiz, que se estropiam de proposito para as tornar de mais facil pronunciação aos mininos: assim de pai, e mãe, se fez *papa*, *maman*; e de *nenior*, fazer adormecer com cantigas futeis, se fez *nanar*.

O que porem nos deve causar mais espanto, é vermos incluídas no dictionario da infancia as palavras *amo*, *boca*, *beijo*, *bico*, *teta*, *mano*, *mimo*, *minimo*, *moço* e *meigo*! (31) Seria bom que nos dissesse em que dictionario ou em que escritor achou estas palavras como infan-

(31) Não é difficil achar a etymologia das pretendidas palavras da infancia. Boca e beijo, vem de *bucca* e *basium*, latinos. Minino vem evidentemente de *minimus*, tambem latino, apesar de haver quem o derive do hebraico *nin*. Bico é celtico e assim se acha em todos os dialectos. Pode-se ver o Dictionario Celto-Breton de Gonidec. Meigo e meiguice, vem de *meilisso* gr. abrandar com palavras. *Mano* são as duas ultimas syllabas de *germanus*; expressão de carinho, só usada entre irmãos, e nunca da infancia. *Amo* vem do hebraico *am*, a que nutre, a que alimenta. Gessenius' hebrew and english Diction.

tis, ou que fundamento teve para fazer balbuciantes todas as nações, que não só as empregam nos discursos os mais graves, mas que em muitas nem mesmo ha outras com que se possam substituir. Quando Fr. Luiz de Sousa (4 23) diz: «Era de ver aquella famosa trombeta do Concilio Tridentino, de cuja *bôca* pendia todo aquelle Senado gravissimo da Christandade» estava fallando a crianças e na linguagem de crianças? fallaria na mesma linguagem quando (5 21) diz: «Bem podemos afirmar que não receberia menos *mimos* o Arcebispo nesta sua devoção? Quando os nossos fidalgos se honram da prerogativa de poderem dizer: ElRei meu *amo*, a Rainha minha *ama*; quando um prelado eleito diz ao papa: Prostrado diante de Vossa Santidade *beijo* seus santos pés, tudo isto são expressões infantis e actos infantis? De todas as mais palavras, classificadas pelo auctor como infantis se podem dar iguaes exemplos dos nossos classicos. Assim diz Camões (9. 47.) Despede nisto o fero *moço* as setas (9. 56.) Estão virgineas *telas* imitando (9. 63) Alli no *bico* traz ao caroninho (9. 33.) O' que famintos *beijos* na floresta, que *mimoso* choro que soava. Vid. do Arceb. 5. 27. D. Diogo Correa, Bispo de Ceyta em Africa, era sobrinho do Arcebispo, e como tal se criou de *minimo* em sua casa.

Donde se vê que todas estas palavras, citadas como pertencentes á infancia, não são senão palavras geraes e communs da lingua; e que só por preocupação a favor de uma opinião falsa, é que um auctor tão circunspecto e que tão aturado estudo tem feito das palavras, podia cair em tão grosseiro erro. O mes-

mo se pode dizer do anterior, em fazer dos dois adverbios *bem* e *sus* duas interjeições, pela razão de que algumas vezes se empregam neste sentido; mas felizmente já não ha perigo para as sciencias de todo o genero, nestas aberrações dos melhores espiritos: por que o seculo dos paradoxos é passado, e hoje a razão já se não acha vinculada ás palavras do mestre.

Assim, nem mesmo as palavras que realmente são infantis, se devem excluir, quando a sua origem é conhecida, como as apontadas *papa*, *maman*, *nanar*; e em quanto ao seu numero, se eu quizesse fazer frases, diria que a decantada numerosissima familia do dictionario da infancia, reduz-se, quando muito a uma duzia de vocabulos.

Progredindo o furor das exclusões, pretende o auctor que não sejam reputados como vindos da lingua latina aquelles vocabulos que derivamos ou compuzemos de uma palavra latina, se esses derivados e compostos se não acharem no latim.

Esta exquisita exclusão conduz-nos ao seguinte absurdo: Os latinos tinham a palavra *virtus*, mas não tinham *virtuosus* nem *virtuose*; de sorte que, para dizerem: Tu és virtuoso, precisavam dizer: *Tu es virtute praeditus*, ou de outra qualquer fórma semelhante. Na decadencia da lingua, houve o bom senso de supprir esta falta, fazendo-se de *virtus*, *virtuosus*; e nós tivemos o de o adoptar, e mesmo o de fazermos o adverbio virtuosamente, e o verbo desvirtuar, ainda que não tenhamos o simples. Sendo esta origem tão legitima, tão incontestavel, como é possível negar-lhe a

sua procedencia do latim? e se não vem do latim, donde vem ella?

Não me limitarei unicamente a este exemplo. Os latinos tinham *benefacere*, *benefactum*, *beneficentia* e *beneficium*, mas não tinham palavra que designasse o auctor destas obras; nós fizemos a palavra bemfeitor ou a tomámos do latim barbaro, *benefactor*: ha nada mais judicioso tanto na derivação puramente latina, como na necessidade de supprir o latim de uma palavra de que carecia? Da mesma maneira de *campus*, fizemos acampar, acampamento e descampado; do *cancelli*, cancellar e chanceller; de *carrum*, carroça, carreto, carreteiro, carrada etc.; de *aequalis*, igualar; de *debitum*, individuar, mais facil do que *aere alieno gravatus* e assim de muitos centenares que é impossivel referir. E a taes palavras de uma derivação tão natural, tão evidente, poder-se-ha recusar a sua origem?

O exemplo que o sabio auctor apresenta para fazer passar esta extraordinaria exclusão, é a palavra *pedra*, acompanhada de sua familia, que tambem se pôde ver nas Flores de Hespanha, de Sousa de Macedo; mas quem lhe diz que esses derivados e compostos da palavra *pedra* não fossem termos da lingua vulgar de povo romano? o não os achar em Cícero e Horacio, não é razão sufficiente; todos nós sabemos que nos livros não se acha ametade dos vocabulos de uma lingua viva. Então se elles podem ser latinos, e mesmo concedendo que o não são, se elles são derivados de uma palavra latina, segundo o genio da nossa lingua; como se pode recusar a uma raiz latina a faculdade de tomar todas as termina-

ções que a nossa lingua lhe possa dar; e podendo-as tomar, como se pode négar a origem de que tão evidentemente procede? Emfim, como fica já observado, o que sórma a essencia das palavras é a sua raiz; a raiz da pedra é *pedr*, do latim *petr*, e áquella raiz podem-se juntar todas as nossas terminações, a, eira, eiro, isco, al, egulho etc.: sendo portanto o fundo da palavra o mesmo, assim como sua origem.

Mas com serem tão insolitas estas exclusões, ainda com ellas não fica satisfeito o espirito do auctor. Chega a tal ponto a sua preocupação, que nega a pai e mãe, antigamente padre e madre, a sua derivação do latim *pater* e *mater*. E em que razão se fundará elle? ei-la aqui: « Mas porventura, diz elle, não teriam os Lusitanos palavras com que exprimir suas ideias, antes de conversarem os Romanos? e se as tinham, porque razão iriam buscar outras ao Latim? » Em tão bom caminho ninguém deve parar: coragem! avante! o que se diz de pai e mãe, diga-se de todas; proclame-se já já denodada e dogmaticamente: Nenhuma palavra nos vem do latim; tinhamos cá muita palavra, não precisavamos das suas. Depois disto, está acabada toda a questão. Direi somente, não já para o auctor, mas para quem estiver menos previnido do que elle, que, longe de serem menos, são mais do que parecem as palavras que temos do latim; porque a má pronuncia, a mutilação, a troca de letras, a suppressão de syllabas e o ajuntamento de duas ou mais palavras para formarem uma só, as tornam totalmente desconhecidas; e só um grande conhecimento das regras etymologi-

cas e alguma sagacidade as podem algumas vezes restabelecer ás suas verdadeiras raizes. Darei na nota alguns exemplos (32) alem dos apontados por Duarte Nunes no C. 8.

Parecia que as exclusões deveriam ter terminado; e na verdade quando se nega á palavra pai a procedencia de *pater*, nem já ha que responder, nem ao auctor pode já restar que excluir. Comtudo para maior segurança, quer o auctor que se tirem da lista dos vocabulos latinos, aquelles que os romanos tomaram dos gregos. O simples enunciado desta pretensão mostra o seu valor.

Por esta singular exigencia, a palavra Deos, por exemplo, não nos veio do latim *Deus*, porque os latinos a tomaram de *Theos* ou de *Dios* genetivo de *Zeys*. Se o auctor se limitasse ás palavras technicas e scientificas,

(32) Embora, *in bona hora*; agora, *hac hora*; tamanho *tam magnus*; assim diz Camões... caso estranho, Quaes nas guerras civis de Julio e Magno. Ultra-ge, *uirā agere*; madrastra, *māter atra*; viajar, *viam agere*; Orago, *oraculum*; ranço, *aurantium*, a cor e não o sabor do ranço; cabo, capitão, capuz de *caput*; afronta, *in fronte*; desastre, de *aster*; celada, de *celare*, occultar; cerra, de *sera*; falta, de *fallere*; gastar, *vastare*; lenha, *ligno*; mondar, *mundare*; moderno, *hodierno*; inviar, *invia se mittere*; nojo, noxa; porein, *per eum*; palliar, de *pallio*; pressa, *pressare* no fig. . precalçar de *calce*, ir no alcance; escapar, de *cupere*, sendo es igual a *ex*, e, como *emergere*, sair da agoa; logo escapar é deixar de ser tomado; camarada, o que vive na mesma *camara*; caminho e chaminé de *caminus*; chicharo, de *cicer*; caça de *cassis*; estafermo, *stat firmus*; azo d'ansa; bigorna de *bicornu*; caber de *capere*; empachio e empachar, de *implicare*; recife de *recisus*; sonda de *funda*; logro, de *lucrum*.

tinha razão; porque taes termos são universaes: mas querer estende-la a todos os mais que nós recebemos directamente do latim e como latinos, sem nos informarmos previamente de sua etymologia, é na verdade uma opinião singular, exquisita, incomprehensivel. O mesmo pretende a respeito das palavras que os latinos possam ter tomado do celtico, as quaes quer que igualmente lhe restituamos; e allega com a palavra *donzel*, que podendo vir de *dom*, *dum*, coisa elevada, não se pode reputar vinda do latim barbaro *domicelus*; mas antes este daquelle. É possível que *domicelus* venha de *donzel*, e que na baixa latinidade se inventasse aquella palavra para exprimir esta; mas a verdadeira etymologia de *donzel* não é nem *dom* nem *dum*, é dono, syncopado de *dominus*, e portanto diminutivo deste (33). Por esta maneira seria facil annullar completamente a lingua latina, porque ella é composta na sua totalidade do grego, do celtico, do oriental e dos diversos dialectos do antigo Lacio: restituindo-se a quem pertencem os respectivos vocabulos, nem o latim existiria, nem nós poderíamos ter uma unica palavra latina. Este argumento por tanto prova de mais.

Por esta occasião, diz o nosso erudito auctor neste logar, que se não pode duvidar, que os Gregos em tempos antiquissimos funda-

(33) Veja-se Denina. La Clef. des langues T. 3. 133 e Romani Dizionario de Sinonimi Italiani onde diz: Donzello é il diminutivo di Donno. Questo nome, equivalente al latino Dominus significava anticamente signore; e perciò il suo diminutivo donzello indicava un giovine signore. A mesma origem tem donzella, dama, damice e mais derivados.

ram colonias na Galiza e na Lusitania, e nos deixaram vocabulos que se não encontram no Latin.

Em quanto a esta ultima parte, responderei com as proprias palavras d'Aldrete (L. 3. Cap. 10) que devem ter mais auctoridade do que as minhas. « Temos, diz elle, outros vocabulos gregos, que não sabemos fossem admittidos dos romanos, porque os não achamos usados nos auctores antigos latinos; o que não exclue que não fossem usados vulgarmente em seu tempo, e que só pelo uso se conservassem: porque nem todos os vocabulos de uma lingua os escrevem os auctores, nem disso são dignos.... e quando o fossem, não temos todos os auctores latinos para sabermos se os usaram. » Por tanto, de se não encontrarem esses vocabulos nos escritores que chegaram á posteridade, não pode o auctor deduzir que nós os recebemos directamente dos gregos.

A respeito porem da segurança com que o auctor assevera que os gregos fundaram colonias na Galiza e na Lusitania, nada ha mais falso; nem elle pode produzir alguma auctoridade com que o prove, salvo se for o imaginario Laimundo de Fr. Bernardo de Brito, ou o veridico Amador Patricio nas Antiquidades de Évora.

Em toda a Hespanha não ha certeza de nenhuma colonia grega, senão da de Empurias, filial da colonia focense de Marselha; a fundação de Rosas pelos Rhodios é uma ficção fundada na semelhança do nome, de igual valor á da fundação de Setubal por Tubal, e á de Lisboa por Ulisses. Igual credito merece a fun-

dação de Sagunto pelos de Zacyntho, hoje Zante, 1400 annos antes de Christo. S. Jeronymo, transmittindo-nos esta estulta tradição, devia reflectir que aquella época coincidia pouco mais ou menos com a passagem do mar vermelho pelo povo hebreo; que então principiavam os egypcios a mandar colonias para a Grecia, que naquelle tempo, para me servir das palavras de Freret, era habitada por selvagões dispersos nos bosques, fugindo o encontro uns dos outros, ignorando as artes mais necessarias, tendo por unica habitação as cavidades dos troncos e dos rochedos, e por alimento bolotas e os fructos espontaneos da terra. (34) Se tal era então o estado da Grecia, como poderia uma pequena ilha ter posses e gente para vir fundar Sagunto? Zacyntho foi sempre tão insignificante, mesmo no tempo da maior prosperidade dos gregos, que é rarrissimas vezes mencionado na historia da Grecia.

E' tão longe da verdade que os Gregos em tempos antiquissimos fundassem colonias na Galiza e na Lusitania que, pelo contrario, elles tiveram muito tarde conhecimento da Hespanha. Flavio Joseph. *Contra Apionem* assim o diz expressamente nas seguintes palavras.

(34) A epoca apontada corresponde a perto de quatrocentos annos antes da guerra de Troia, que se presume ter sido 1:022 annos antes de christo. As memorias deste tempo são ainda todas fabulosas, pois todo o mundo sabe que esta guerra foi originada por causa de uma mulher que nasceo de um ovo; que esta mulher foi roubada pela primeira vez por um filho de Neptuno, e na segunda por um homem que foi juiz das tres deusas no monte Ida, e cuja mãe foi transformada em cadella, etc. etc.

De Gallis enim et Hispanis sic ignoravere hi qui putantur diligentissimi conscriptores, quorum est Ephorus, ut unam civitatem esse arbitrarentur Iberos (L. I. traduc. de Gelenio) De Eratosthenes, bibliothecario da bibliotheca d' Alexandria, no reinado de Ptolomeu Evergetes 2.^o, isto é, 140 annos antes de J. Ch., diz Strabão (L.^o 2.^o pag. 107) *Eratosthenem esse rerum Hispanicarum ignarum, qui usque ad Gades in ora Hispaniam a Gallis incoli dicens etc.* Posidonio, posterior a Eratosthenes, fallando da navegação, ou verdadeira ou falsa, de Eudoxo diz: *Par est Gaditanos scire et Hispanos* (Id. pag. 100.) Por maneira que no tempo de Ptolomeo Evergete é que se principiava a conhecer que os gaditanos eram hespanhoes.

Herodoto é dos escritores gregos o unico que fallava da Hespanha da maneira seguinte: Um navio de Samos, que ia para o Egypto, e cujo patrão se chamava Coleo, partio de Platea com vento d'este. Mas este vento não descontinuando, passaram as columnas de Hercules, tendo por guia algum deos.» (Melpomene ou L.^o 4.^o § 152.) Ainda que este facto fosse verdadeiro, ha grande distancia de um viajante arrojado pela tempestade a uma praia ignota ao estabelecimento de colonias; quando o mesmo Herodoto diz no § 45 do mesmo livro: « Quanto á Europa, ninguem sabe se ella é rodeada de mar. (35) »

(35) Herodote assim como é chamado o pai da historia, tambem é chamado, pai das mentiras. Neste mesmo livro fala de homens com cabeça de cão, que habitão na Africa; e ainda mais: fala de homens sem cabeça. É verdade que não diz que os vira; mas Santo Agostinho foi mais feliz do que elle, pois diz (serm. 37. ad

Excluída assim completamente a ideia de colonias gregas na Galiza e na Lusitania, de que omitto muitas outras provas, por não pertencer a este logar uma discussão profunda sobre este objecto, é preciso procurar a origem dos vocabulos gregos que temos e se não encontram no latim, em outra parte differente da communicacão directa, qualquer que ella seja, que nunca poderá ser mais improvavel do que aquella.

Esta origem pode ser a que aponta Aldrete, virem-nos do latim vulgar, sem terem sido empregados pelos escritores. Torna-se esta opinião tanto mais plausivel que estes vocabulos são pela maior parte populares, e sem nobreza para serem admittidos em escritos graves, como patão, apito, côpo, lasca, lamuria, seira, naco, chifarote, burro, thris, etc.

Podem tambem ter-nos vindo, e provavelmente nos vieram muitos, dos mesmos barbaros; pois que elles tiveram communicacão por muitos seculos com os gregos do Baixo-Imperio, habilitaram suas terras, contrahiram casamentos e foram instruidos na religião christã por padres gregos arianos. (36) Qualquer

fratres in Eremo Tom. 6. Edit. Paris. pag. 3) Vidi-mus ibi multos homines ac mulieres capita non habentes.

(36) Da habitacão dos godos na Grecia fala Isidoro chronicon. Era 213 Illyricum et Macedoniam 15 ferme annis tenuerunt. Era 418. Gothi, inito foedere, Romano se imperio tradiderunt. Iornandes De Reb Goth. C. 25. Vesegothae legatos direxere ad Valentem Imperatorem, ut partem Thraciae sive Maesiae si illis traderet ad colendum. et ut fides uberior illis haberetur, promittunt se, si doctores linguae suae dona-

destes meios ou ambos juntos explicam mais naturalmente a existencia entre nós destes vocabulos gregos do que as suppostas colonias, de que não ha a menor noticia.

A troca do *b* pelo *v*, que tambem se quer adduzir em prova das imaginarias colonias da Galiza e Lusitania, não merece a menor attenção. Muitos povos fazem esta troca, principalmente os de origem celtica; em alguns dialectos nem ha mesmo a letra *v*. Veja-se Court de Gebelin. Origine du Langage 4.^{me} tabl. ch. 1. Nas inscrições vaticanas dos primeiros seculos, é frequente esta troca.

Finalmente termina o auctor esta parte da discussão dizendo que esse pequeno numero de vocabulos (que elle reconhece terem vindo do latim) foram trazidos ao portuguez, muito depois da época em que se suppõe que o latim fora vulgar em Portugal; pois que de Camões se diz que introduzira cento e vinte, e Arraes e Lucena outros tantos; e que por tanto de nenhum modo podem mostrar a sua *immediata* filiação da lingua latina. (37)

verit, fieri christianos. Idem cap. 31. Ataulfus, Honorii germanam Placidiam ob generis nobilitatem, formaeque pulchritudinem, matrimonio copulavit. Este foi o primeiro rei godo d' Hespanha; se elle e os mais reis barbaros tiveram frequentes guerras com os gregos, tambem muitas vezes tiveram alianças e trato amigavel entre si, e militarão debaixo de suas bandeiras.

(37) Aquí ha manifesta contradicção nos termos. Se esses 120 vocabulos foram introduzidos do latim no portuguez por Camões, é evidente que elles vierão bem *imediatamente* da lingua latina pois que os recebemos sem interposição de outra. Mas deixando isto e referindo-me sómente ao numero, que quer dizer 300 ou 500 palavras, comparadas a 30 ou 40.000, que tantas te-

O auctor finge ignorar o lento processo porque as linguas se formam, pois que o seu argumento é fundado na supposição de que uma lingua se acha perfeita quando os escritores a empregam, e que lhes não é licito continuar a enriquece-la. Não é assim; os escritores é que aperfeiçoam as linguas, e este difficil trabalho é obra de longos annos e de continuas acquisições. (38)

No seculo d' Augusto, podia dizer-se que a lingua latina tinha chegado á sua perfeição, comtudo Tito Livio, Horacio e Virgilio introduziram nella muitas palavras novas, e Plinio posteriormente a enriqueceo ainda de muitas de que carecia. O caso porém entre nós é diferente e exige alguns esclarecimentos historicos.

A lingua latina, pela sua mesma perfeição, pelas suas fórmulas grammaticaes e pela variedade de suas construcções, era mais que qualquer outra, sujeita a alterar-se; e a sua mesma extensão, comprehendendo povos tão

remos do latim? Muitas centenas mais precisamos ainda de adoptar; e é exclusivamente ao latim que as devemos ir buscar em quanto nelle as houver, e não á ás linguas modernas.

(38) Eis-aquí o que a este mesmo respeito diz o eruditissimo Sr. Cenacolo Mem. His. pag. 98. "Espirando o uso de fallar em Latim, que se tinha conservado mais ou menos corrompido; e que se havia antiquado desde mais ou menos tempo, nestes ou naquelles povos, não era projecto para concluir em breves annos uma Lingua regular. Nem as luzes eram bastantes para este effeito; nem o tempo desoccupado de maiores e mais importantes fadigas. A experiencia é a que nos desengana de quantos trabalhos seja, e de quantos seculos a empreza de aperfeiçoar um Idioma."

differentes, que quasi abrangia o antigo mundo, era outra causa poderosa para a sua corrupção (39).

[39] Entre as opiniões singulares que se acham nesta memoria, ha uma de que não posso deixar de falar, para recreação dos litteratos. Diz seu illustre auctor que: „ Na oração pro Archia, [C. X.] se queixa o illustre orado [Cicero] de que sendo a Lingua Grega conhecida em toda a parte e entre todas as gentes, eram comtudo estreitissimos os limites da Latina: *Graeca [diz] leguntur in omnibus fere gentibus; Latina suis finibus, exiguis sane, continentur.* „ e acrescenta na nota „ Das palavras de Cicero citadas, e de outras semelhantes que se leem em suas obras, se póde bem colligir quam pouco estimada era a Lingua Latina dos proprios Romanos no tempo do illustre orador. „

Primeiramente repugna á razão e aos factos que um povo desestime a sua lingua; porque cada um prefere a todas aquella que melhor conhece, que é sempre a vernacula. Em segundo lugar, a passagem de Cicero „ assim mesmo truncada como está, não versa sobre a estimação ou desestimação da lingua de que se não diz uma só palavra; e quando muito só se poderia applicar á extensão da mesma, relativamente á grega, e isto é o que litteralmente se deprehe de da referida passagem. Nem finalmente aqui ha queixa, porque o objecto de Cicero não era esse; o seu fim era mais elevado: defender o seu cliente.

Eis-aqui a passagem de Cicero completa: *Nam si quis minorem gloriae fructum putat ex Graecis versibus percipi, quam ex Latinis, vehementer errat, propterea quod Graeca leguntur in omnibus fere gentibus, Latina suis finibus, exiguis sane, continentur.*

Archia era poeta grego, Cicero quer fazer desta circumstancia um argumento em seu favor e diz: Que se alguém pensa que da poesia grega resulta menos gloria do que da latina, grosseiramente se engana: o grego lê-se em toda a parte, o latim em seus estreitos limites. Ve-se portanto, que longe de não estar em estimação á lingua latina, pelo contrario, Cicero im-

Assim, uma lingua de estrutura tão delicada, logo que fosse fallada por barbaros, não podia deixar de ser horrivelmente deformada;

pugna a preferencia que sobre a grega se dava á poesia latina, assim de recommendar o seu cliente: logo o logar citado prova o contrario. Pelo que pertence aos limites, não se podem referir senão aos da poesia; porque os gregos tinham já todos os seus grandes poetas, que eram lidos em toda a parte, em quanto que os dos romanos são todos posteriores a Cicero, excepto Lucrecio, e porisso não podiam ser lidos. Que os limites são estes e não os do imperio prova-o a historia; pois naquelle tempo esses limites eram a Hespanha e o Eufrates, que certamente se não podem chamar exiguis. E se se insistir contra a historia, a querer entender os limites naturaes, não póde deixar de considerar-se tal expressão senão como uma ampliação ou exaggeração rhetorica.

Demais, neste tempo do illustre orador, é que a lingua latina foi mais estimada e cultivada; sendo elle mesmo o mais exacto observador das minucias da linguagem. Então escreveram sobre a lingua os homens mais distinctos daquella epoca, Varrão, Messala, Cesar e Catão, e o escrupulo na sua pureza era tão severo que Augusto [suet. Vit. Aug. 87] dimittio um legado consular por estrever *ixi* por *ipsi* e Tibrio não ousou empregar no Senado a palavra *monopolio*, sem previamente ter pedido licença para servir-se de um vocabulo estrangeiro. Tambem insistio para que n'um decreto se substituísse á palavra *emblema*, por não ser latina, outra que o fosse; e não a havendo, se usasse de perifrasi. [Suet. Vit. Tib. 71.]: Pompeo, na dedicacão do theatro, duvidando se devia dizer *Consul tertium* ou *tertio*, omittio as ultimas letras, e escreveu *consul tertii*. Deste escrupulo e incessante cuidado no aperfeicoamento e pureza da linguagem e propriedade dos termos nos dá conta A. Gellio por toda a sua obra; e é necessario não ter delle a menor noticia, para dizer o contrario. Mas o que não é menos exquisito do que a mesma opinião, é a prova com que se sus-

e como a alteração não era uniforme, porque cada povo a corrompia a seu modo, segundo o genio de sua lingua, necessariamente haviam de formar-se outras tantas linguas differentes, posto que todas fossem originarias do mesmo tronco. Isto é o que effectivamente aconteceu.

A invasão dos barbaros, que se succediam uns aos outros; a desorganisação total da sociedade: a miseria do povo; as guerras civis; a perda total da civilisação romana e a ignorancia por falta de escolas publicas (40) foram as causas invenciveis que acabaram de corromper a lingua. Os barbaros, tendo necessidade de se fazerem entender, introduziram os artigos, para individualisar os objectos; desconhecendo as linguagens, formaram-nas pela maior parte com auxiliares; e ignorando as declinações, substituiram-nas com preposições ou simples ou articulares. Os habitantes que escaparam, precisando communicar-se com os dominadores, serviram-se de construcções e palavras barbaras, fizeram mesmo outras arbitrarías ou de convenção, e isto explica além da diversidade das linguas, a formação dos dialectos dentro do mesmo povo (41).

tenta. Diz o auctor que o latim era desestimado, pois que Polybio, Eliano, Appiano, Dion Cassio e Deniz Halicarnasseo escreveram em grego [sendo gregos].

Et voila comme on écrit l'histoire!

[40] A ignorancia era tal que os nobres julgavão que o saber ler derogava a sua nobreza. Na Dissert. 9.^a do Sr. L. P. Ribeiro, entre outros factos se diz: D. Bernardo da Encarnação attesta ter visto um Prazo do Morteiro de Villa Boa do Bispo do seculo 14: em que só assigna o Prior, declarando o não fazião os Conegos por não saberem.

[41] Quando se pretende falar uma lingua que se

Comtudo, apesar desta subversão geral, a lingua conservou-se pela sua propria superioridade, poderosamente auxiliada pela conversão dos barbaros ao christianismo; e ainda que corrompida no uso vulgar, ella ficou sempre sendo a lingua da nação e dos escriptores, que a empregavam mais ou menos correctamente, segundo eram mais ou menos instruidos. As provas anteriormente dadas, não deixam sobre isto a menor duvida.

A esta invasão, succedeu no principio do seculo 8.^o a dos arabes, mais horrivel talvez do que a primeira, para a vida e propriedade dos habitantes; e que, por ser a sua dominação mais prolongada, contribuiu tambem mais para a corrupção da lingua. Dos povos do norte não teremos talvez mais de duzentos vocabulos, em quanto que do arabe nos ficou um numero consideravel. (42)

Apesar disso o latim continua a ser a lin-

ignora, cada um se exprime como pode: quando duas linguas luctão entre si, forma-se uma especie de aravia, que não é nem uma nem outra. E' assim que se formou a lingua franca do Levante, composta pela maior parte do italiano; e a da Asia, de portuguez corrompido, que ainda attesta a nos a antiga gloria. Sobre este facto linguistico é notavel o logar seguinte de Aimon [De gestis Francorum L. 2. C. 5]

Tendo Justiniano derrotado os barbaros e captivado o rei, fe-lo assentar no throno ao seu lado; e pedindo-lhe que restituísse ao imperio as provincias que tinha conquistado, o barbaro disse: *Non dabo*. A que Justiniano respondeo: *Daras*.

[42] Sismondi de la Litterature du midi de l'Europe T. 1. pag. 14. diz: Les langues que parlent les peuples du midi de l'Europe, depuis l'extrémité du Portugal jusqu' à celle de la Calabre ou de la Sicile... sont toutes nées du mélange du latin avec le teutonique... dans chacune de ces langues le fond est latin

gua vulgar: os principes arabes proclamavam a seus subditos christãos naquella lingua, e nella se celebravam todos os contractos, ainda que haja um ou outro exemplo de se celebrarem tambem alguns na lingua arabe.

A tolerancia dos Sarracenos, permittindo aos christãos o uso da sua religião, é que contribuiu para que a lingua totalmente se não extinguisse, assim como a conversão dos barbaros ao christianismo, e a conseqüente adopção que delle fizeram, tinham contribuido para a sua conservação. Porém a ignorancia tinha de tal forma invadido todas as classes, que ella se foi constantemente corrompendo, até o ponto em que a achamos no reinado do Sr. Affonso 3.^o Entretanto a maxima parte das palavras ficou sempre sendo a mesma; o fundo da lingua vulgar ficou sempre sendo latino; e é elle que ficou sempre dominando em todas as expressões que se referem aos sentimentos e a intelligencia. Esta observação é importante. Do arabe, de que recebemos tantos vocabolos, não são os desta especie que nós lá fomos buscar; os que delle adoptamos não se referem senão a artes e officios de segunda necessidade, e a alguns de chymica e medicina, que elles cultivavam e os de algumas drogas orientaes ou de sua composição.

Neste estado de coisas, a lingua já não podia dizer-se que era latina, e provavelmente é do XI. seculo que podemos datar a formação

etc. Que o teutonico entre em grande parte na formação do italiano e ainda na do francez, não padecer a menor duvida; mas que isto se verifique a respeito do portuguez e do hespanhol, ninguém o poderá dizer; pois que na península o celtico e o arabe é que predominão depois do latim e não o teutonico.

da vulgar que hoje fallamos. Porém nós não temos documentos della daquelle tempo para podermos ajuizar do seu estado; porque os mais antigos que possuimos não são anteriores ao reinado do Sr. D. Affonso 3.^o (43). Os dos hespanhoes não excedem ao seculo XII, e o mais antigo da lingua romana em França, é o celebre juramento de Luiz o Germanico de 842.

O povo nesta época tinha-se barbarisado pela oppressão dos conquistadores, a antiga civilisação tinha desaparecido, e na grosseria de seus costumes, é evidente que grande numero de palavras latinas deviam ser abandonadas e esquecidas, porque não estavam em harmonia com a sua vida social. Isto é o que acontece em todos os tempos, em que a linguagem dos povos é tão limitada como suas necessidades.

Comtudo a lingua latina ficou sempre subsistindo nos claustros, porque era a lingua da religião, e todas as obras que nos restam da meia idade são ainda escritas em latim, supposto que já muito corrompido, principalmente depois do 8.^o seculo. Quando elle principiou a não ser entendido pelo vulgo, o clero foi forçado a fazer as suas predicas em romance, e accomodando-se á intelligencia do povo, é

[43] O Sr. João P. Ribeiro na sua Dissertação só aponta dous documentos, que suppõe anteriores ao Sr. D. Affonso 3.^o A linguagem é quasi gallega. Sabe-se que a galliza chegava ao douro, que durante os 177 annos da dominação dos Suevos, comprehendia Lamego, Vizeu e Coimbra; que os reis de Leão, depois da expulsão dos Suevos, a tornarão a limitar no Douro; e que só no governo do Conde Henrique é que foi circunscrita ao rio Minho. Dissert. 10. e Pentinaer De Inclinatiore Rom. Imperii.

natural que empregasse de preferencia aquelles vocabulos que lhe eram mais conhecidos. A lingua assim mutilada, ou para melhor dizer, reduzida ao nivel da civilisação, não podia restabelecer-se sem que os progressos da mesma civilisação o exigissem; e como elles foram lentos por causa das guerras continuas com os arabes e pela instabilidade do governo civil, podemos dizer que a lingua portugueza só se pôde considerar como formada no principio do seculo 16.^o (44) Durante este intervallo, e á medida que a necessidade o exigia, foi reclamando a sua propriedade, empregando as palavras que abandonou quando lhe não eram necessarias, e finalmente reconstruindo-se, sujeitando-as comtudo ás suas terminações e ao seu genio e indole particular. Se Camões, Arraes e Lucena introduziram na lingua trezentas palavras, o mais que se pôde dizer é que as tiraram do esquecimento; porque de o auctor as não achar nos escritores anteriores, não pôde concluir que ellas não fossem muito tempo antes usadas, e concedendo mesmo que o não eram immediatamente, não se pôde negar que o tenham sido até o 9.^o seculo. *Multa renascentur, quæ jam cecidere.*

Se as ideias que acabo de expender o mais succintamente que me foi possível são exactas, a lingua portugueza vem directamente da latina, sem o intermedio da lingua romana ou

[44] Uma lingua não se pode dizer que está formada, senão quando os litteratos da nação concordão nas regras fundamentaes da sua grammatica e de sua estrutura particular. Todos os escriptores do seculo 15.^o e entre elles o Sr. D. Duarte no Leal Conselheiro estão cheios de erros grammaticaes e de construcções confusas e intelligíveis, o que prova que só no seculo 16 a lingua principiou a regularizar-se.

provençal, como quer a maior parte dos auctores a respeito de todas as linguas descendentes da latina. Ha muitas rasões para assim o pensarmos, além da deducção que venho de fazer em conformidade com os factos: porquanto, a lingua portugueza ou gallega, que então era a mesma, como temos visto, era mais proxima do latim do que o provençal, e por consequencia não passou por elle; *amava* e *arvore* são mais chegados ao latim *amabat* e *arbor* do que *aimail* e *aibre* (45). Em segundo logar o portuguez na mesma época estava mais adiantado do que elle, como se pode ver cotejando os escritos das duas linguas: então era elle a lingua da corte, e como mais perfeita, era exclusivamente empregada na poesia por D. Affonso, o sabio, e pelos trovadores daquelle tempo. (46)

Comtudo eu creio que o provençal, romance ou limosino, que por todos estes nomes é designado, teve grande influencia na nossa lingua depois que os Condes de Provença succederam no condado da Catalunha, e ultima-

[45] O Provençal despresou as formas sonoras dos romanos, abbreviando as palavras: assim de *aurum*, fez *or*; de *collum*, *col*; de *versus*, *vers*; de *ferrum*, *fer* etc.

[46] *Poesias de D. Affonso X.* — 1209.

Quem santa maria servir	Pero direi ant en bon son
non pode no seu ben falir.	dassuas cinque festas que son
E por que eu gran sabor ey	mui nobres e direi razon
de a servir servila ey,	que praza a quen a oyr.
e quanto poder punirey	
dos seus miragres descobrir.	

Bibliot. Espan. T. 2. de J. Rodr. de Castro e Annales de Sevilla por Zuniga.

mente no reino de Aragão. Os trovadores que o acompanharam da Provença e que faziam o ornamento da sua corte, propagaram entre nós o amor da poesia; tivemos também grande

Poesia da Condessa de Provença, Beatriz de Savoia a seu marido. — 1235.

Vos que m semblatz dels corals [a] amadors
Ja non volgra que fosses tan doptans (b)
Eplatzmi molt car vos destreing (c) m'amors,
Qu'autressi (d) sui en per vos malanz (e)
Ez avez dan (f) en votre vulpillage [g]
Qar nous ausas [h] de preiar (i) enardir,
E faitz a vos ez à mi gran damage:
Que ges (l) d'ompna (m) non ausa descobrir
Tot so q'il vol per paor de faillir.

1241. D. Jayme 1.^o d' Aragão.

E aço fo un any apres la prezo de Valencia, y entrain en Munt peller, e el Divendres en el mig jorn e hora de nona fo eclipsis major, que hanc hom vees de memoria de aquells, que ara son: car tot lo sol cobri la Lluma, e podia hom veer set stelles en lo cel. Chron. de Murcia. cap. 15.

Concioneiro do Collegio dos Nobres, que se suppõe ser do tempo do Sr. D. Affonso 3.^o

E señor mais vus direi. en	E creio q' fara mal sen.
esso pouco que eu poder	qn nunca gran foz ouer.
viner no mudo se quiser	en mesura dout moller.
deus assi viuirei por eu.	e direi vos por q' mia uen.
e ta mal dia eu naçi.	por q' me leixades assi
por q' uos fazedes por mi.	morrer e nõ catades y.
cousa q' uns nõ esta ben.	mesura nõ d's nõ al ren,

E mia senõr ameu cuidar

cousa faria seu razon.

eu se miassi fuesse cuitar.

cõ mia mort en esta sazõ.

q' me uos fazedes morrer

se podess en guissa seer.

q' mal nõ uos podesse estar.

[a] cordial. [b] suspetoso. [c] atormentar. [d] igualmente. [e] doente. [f] damno. [g] astucia. [h] acostumar. [i] peijurar, ou mentir. [l] não. [m] dama
Collect. des Poetes français depuis le XII Siecle.

numero de trovadores (47) e as cortes do amor, se não chegaram a estabelecer-se, não parece que fossem desconhecidas [48] Mas o que prova directamente esta influencia é o grande numero de palavras que temos do provençal, e entre ellas uma especie de adjectivos, que visivelmente lhe devem a sua origem, e que provavelmente nos foram transmitidos pelos trovadores provençaes e catalães, muito lidos naquelle tempo.

Os participios de seus verbos eram formados por ajuntar ao infinito as syllabas *dour* e *dis* (49) assim de amar, faziam *amador*, o que ama; e *amadis*, o que pode amar, ou ser amado. Deste ultimo participio, entendo eu que procedem os nossos adjectivos em *ico*, aos quaes esta terminação dá a significação daquelle participio, como espantadiço, vindiço, chegadiço, movediço etc., e se isto assim é, o *Amadis de Gaula*, attribuido a Vasco de Lobeira, não é senão uma traducção franceza, porque não é natural que um portuguez tomasse para nome do seu heroe um participio da lingua romana. (50)

[47] Memorias Historicas do Ministerio do Pulpilo pag. 102

[48] Fernão Lopes Chr. de D. João I. cap. 4. certo he que outre as condicções que do Amor escrevem os que d'elle compridamente falavão e forão criados em sua Corte, assi he, que por muito que encobrir queirão o que ama etc.

[49] Veja-se Le Troubadour, Poesies Occitaniques par Fabre d'Olivet.

[50] N'uma Memoria de Mr. Gregoire — Dessigny sobre a origem do Patois Picard, premeada pela Academia das Sciencias do Departamento de La Somme se lê o seguinte C. 10:

Si l'on consulte d'ailleurs les plus anciens ouvrages de la langue francaise, on en trouve plusieurs

Não se poderá talvez dar uma razão satisfactoria destas duas particularidades da nossa lingua; a de ser mais aproximada do latim do que qualquer outra, e a de se ter formado mais cedo do que nenhuma das linguas meridionaes; porém é muito provavel que seja a apontada por Sismondi Litterature du Midi de l'Europe T. 4 pag. 264 a saber: « que provavelmente nas provincias occidentaes, ficarão os subditos romanos em maior numero depois da conquista dos barbaros, pois que a lingua portugueza ficou mais aproximada da latina do que a castelhana, e tambem se formou mais cedo.» Digo que é provavel que seja esta a causa, pois que os barbaros naturalmente procurariam antes o centro da Hespanha, aonde esperavam achar mais riquezas do que as costas occidentaes, pela maior parte desertas. Isto nos é confirmado por Jornandes de rebus geticis pag. 89 Edict. 1617 em que nos diz a respeito d'Athaulfus: Per suas opes Barcelonam cum certis fidelibus delectis plebeque imbelli interiores Hispanias introivit. Se pois os barbaros, seguiram de preferencia a costa oriental para a sua invasão, porque a passagem dos Pyreneos lhes era por aquelle lado mais facil, é evidente que grande parte da população devia refugiar-se nas costas occidentaes, e alli permanecer em quanto a sua segurança o exigia.

Mas o que deve mais que tudo determinar-nos a pensar que o portuguez procede directamente do latim, é a observação das par-

écrits en Picard. Par exemple Amadis de Gaule, le plus celebre comme le plus ancien des romans français connus, doit la naissance a un Picard, qui le composa dans son patois —

tes de que elle é composto. Por quanto todos os elementos essenciaes que compõem uma lingua, como as raizes objectivas ou dos nomes appellativos, as particulas conjunctivas, os adverbios, as figuraes grammaticaes, a semelhança das conjugações e da Syntaxe, mostram com toda a evidencia a sua origem latina. A massa de palavras latinas é tal, que Denina T. 2, Caq. 4. Sec. 11 diz: « De resto nós teremos ainda logar de demonstrar que apenas uma centessima parte do idioma hespanhol é estranho á lingua latina.» Se isto acontece na hespanhola, que tomou dos arabes muito maior numero de vocabulos do que nós; o numero das palavras estranhas ao latim, deve ser muito menor na lingua portugueza.

Com effeito, eu convido o sabio auctor da memoria a abrir o primeiro classico que lhe cair debaixo da mão e a ler uma longa pagina, e que diga depois se a immensa maioria das palavras não são latinas, ou derivadas ou compostas de raizes latinas? E isto não por etymologias cerebrinas, taes como as de que accusa os nossos maiores, mas por etymologias de evidente e irrecusavel deducção da lingua latina. [51]

(51) O auctor calumpnia os nossos sabios, quando por mais de uma vez diz: que elles não vião nada acima do latim; que o latim era o *non plus ultra* da etymologia. Pedro Henriquez, Gonçalo Alvares e Jorge Coelho forão grandes helenistas e os dois primeiros forão chamados de Paris para ensinarem o grego em Coimbra. O grande Clenardo, vindo áquella cidade, ficou admirado de vêr os estudantes a falar grego com facilidade entre si. Jeronymo Osorio, Fr. Luiz de S. Francisco, Francisco Fereiro, Fr. Jeronymo da Azambuja, conhecido pelo nome de Oleaster, Fr. Heitor Pinto forão eminentes no hebraico, e muitos outros sabios,

O mesmo Denina, tantas vezes citado, tomou ao acaso o primeiro Soneto de Camões que principia: Em quanto quiz fortuna que tivesse: analysou-o, e achou que todo elle é latim excepto a palavra = enganos = Est. ici (diz elle) le seul mot qui dans ce sonet ne vient pas du latin = E tem razão, por que esta palavra é celtica na opinião de alguns auctores. (52)

Mas pelos seus mesmos principios, o auctor que acredita na permanencia das linguas e na quasi impossibilidade da sua extincção, não póde deixar de confessar que, quando a lingua portugueza não seja filha da latina, pelo menos a italiana não póde deixar de ser a sua incontestavel primogenita; pois que é fóra de duvida que o latim fóra lingua vulgar na Italia.

Concedendo-me porém isto, que para ser coherente não pode recusar-me; como concilia com esta opinião, as objecções que fez contra a lingua portugueza, e que militam igualmente contra a italiana? O italiano tem artigos, o italiano não tem casos, o italiano não tem comparativos em *ior*, não tem voz passiva etc. etc. Se apesar destas differenças o italiano procede do latim, porque motivo não procederá tambem o portuguez?

Se attendermos ao numero dos vocabulos

ou para melhor dizer, todos os sabios do tempo do Sr. D. Manoel e do Sr. D. João 3.^o como se póde ver na Bibliotheca de Barboza.

[52] Ha comtudo muitos escritores que a derivão de *ingenium*, entre os quaes se póde ver o supplemento ao Glossaire de la Langue Romana par Roquefort. verb. Engaigne, e Augis, Dissertação sobre o genio da lingua franceza no mesmo volume.

latinos, no portuguez acham-se muitos mais do que no italiano, que pela longa dominação dos Lombardos, tomou grande quantidade de palavras teutonicas. Para confirmação disto citarei ainda Denina, e pela ultima vez. Diz elle T. 2. pag. 3. art. 14. « Apesar de que os francezes abandonaram centenaes de palavras que os italianos e hespanhoes conservaram do latim, eu tomo a Jerusalem Libertada, do Tasso e a Henriada de Voltaire, e em duas outavas da primeira noto cinco palavras que parecem não vindas do latim, e em 32 versos da Henriada não vejo mais de duas.» Ora, se por esta confrontação, as palavras das duas linguas se acham na proporção de 1 para 5, e é incontestavel que nós temos maior numero de vocabulos, não digo já do que o francez, como Denina confessa, mas do que o italiano, como se póde ver cotejando os dictionarios das duas linguas ou os dois poemas de Camões e Tasso: como se poderá recusar á lingua portugueza a qualidade que se não ousa negar á italiana? E não por vaidade ou orgulho desta descendencia, como diz o auctor; porque não creio que na cabeça de nossos escritores entrasse tão ridicula ideia; mas pela verdade palpavel dos factos a que ninguem se póde recusar. (53)

[53] O auctor diz que por uma innovação systematica e pela vaidade de uma descendencia tão honrosa, os escriptores alatinavão as palavras e porisso dizião *padre* e *madre*; mas que a final prevaleceo a forma primitiva *pai* e *mãe*, ficando aquella só em uso no ecclesiastico. Esta asserção e outro *libere dictum*, igual aos mil e um que se achão nesta memoria. Bem longe de se alatinarem as palavras, por innovação systematica, para as approximar do latim, pelo contrario, e disso precisamente que os nossos escritores fugião. A

E' em vão que o auctor insiste nas expressões banaes tantas vezes repetidas de fórmulas absolutas e substanciaes, caracter, genio, indole e não sei que mais da lingua latina, que uma vez perdidas, importam tambem a perda da filiação do portuguez: porque se não existisse differença nenhuma entre as duas linguas, então o portuguez não seria filho do latim, seria o mesmo latim; pois que essas differenças é que fazem que ellas sejam duas linguas distinctas; e os pontos de semelhança, que uma seja procedente da outra. Ora estes pontos não se limitam só ás palavras communs aos dois idiomas; estendem-se ás construcções, á syntaxe, e a tudo que não depende dos casos. Quando se diz: *Mundus a Domino constitutus est, in principio creavit Deus coelum et terram, templum de marmore ponam, pastor ab Amphryso* não se diz assim mesmo em portu-

prova acha-se no Cap. 99 do Leal Conselheiro, em que o Sr. D. Duarte entre os preceitos da traducção nos dá o seguinte:

Osegundo que non ponha pallavras latinadas, nê doutra lynguagem, mas todo seja nosso lynguagẽ scripto mais achegado ao geeral boo costume de nosso falar que se poder fazer.

Quem isto aconselha, nem elle nem os seguintes auctores escreverião constantemente padre e madre se este não fosse o falar mais achegado ao bom e geral costume, e esta forma não fosse a primitiva. Que ella o é, não precisa de prova; porque todo o mundo sabe que as nossas palavras procedem regularmente do ablativo latino, e algumas do nominativo, em menor numero. As linguas modernas tem-se aperfeiçoado á medida que forão perdendo as fórmulas latinas, e a este aperfeiçoamento é que devemos as palavras pai e mãe e muitas outras mais suaves ou mais harmoniosas do que as primitivas: assim oito, noite; reino, são mais doces do que *octo, nocte, regno* etc.

guez? a construcção é por ventura differente? A transposição em que tambem se faz grande reparo, aonde está ella nas obras de Santo Agostinho, Eutropio, Sulpicio Severo, e muitos outros que é inutil referir, e sobretudo como se prova que ella tivesse logar na lingua popular, tanto em Roma como nas provincias, como já observamos?

Por tanto devemos ter por averiguado que o portuguez é composto na maxima parte de palavras latinas, depois de palavras celticas, que ficaram da antiga linguagem da Lusitania (54); logo de palavras arabes, e finalmente,

(54) Que a lingua celtica foi a lingua da Lusitania antes da conquista pelos romanos, prova-se pelo grande numero de vocabulos celticos que ainda conservamos, e principalmente pelos nomes de muitas povoações, montes e rios que são celticos e de que abaixo faremos menção de alguns. A mesma palavra Portugal é um vocabulo hybrido Latino Celtico. N'uma memoria do mesmo auctor sobre a Origem do nome Portugal, e que se acha no mesmo vol. 12. das da Acad. se lê o seguinte, „ O nome de Portus Cale, que depois se disse Portucale, foi primeiramente dado a um lugar situado ao sul do Douro, na margem esquerda deste rio, no sitio, pouco mais ou menos, aonde hoje está a povoação de Gaya, o qual, porque era ancoradouro de barcos e navios, e tinha no alto o antigo castello de Cale, conhecido e commemorado pelos escriptores Romanos, começou a denominar-se Portus-Cale, e depois com pouca alteração Pontucale, Portugale, e ultimamente Portugal, „

Nada disto assim é. Cale em celtico quer dizer porto, e ainda hoje *Cala* em hespanhol, tem a mesma significação. *Calais*, villa e porto de França, e *Cale*, abrigada ou enseada, não tem outra origem. Este vocabulo, appelletivo por sua natureza, tornou-se proprio, logo que se perdeu a noticia do que elle significava e principiou-se a dizer porto-Cale, isto é porto-porto; da mesma maneira que hoje dizemos pon-

em menor numero, de algumas d'outros povos, teutonicas, fenicias, hebraicas, gregas e das linguas modernas.

Para se conhecer a exactidão desta classificação, basta tomar algumas paginas de qualquer de nossos classicos, e, sendo reduzidas as palavras á sua origem, achar-se-ha que ellas guardam a proporção indicada. Assim é sem razão nenhuma que o auctor diz que o grego, o fenicio, o arabe, o oriental

te d'Alcantara, ponte da ponte. Em quanto a ser o seu castello conhecido e commemorado dos escritores romanos, o auctor ficaria bem embaraçado se lhe perguntassem quaes são esses escritores. *Cale* não é mencionado por ninguem na antiguidade, e o primeiro que d'elle fala é Antonino no seu Itinerario de Lisboa a Braga, no meio do segundo seculo. Veja-se o dito Itinerario pag. 70 Edic. de Leão. Depois d'elle, nem como ponto itinerario se fala mais em Cale, porque teve logar a fundação do Porto e este sómente é que ficou sendo citado. Vistigios celticos. São palavras celticas todos os nomes de povoações que principião por *pen*, que significa elevação, penha elevada, taes são Penalva, Penacova, Penedono etc. *Marão* que significa montanha, e daqui vem o nome dos Maronitas. *Ser*, grande monte, e daqui vem a palavra Serra. *Douro*, *Dão* ou *Don*, nomes de rios de que ha muitos na Europa, assim como *Ave*, *Alva*, *Lima*, e *Minho*, como se pôde ver em qualquer geografia. *Tamega*, rio placido, é o mesmo que o *Tamis* ou *Tamisa* de Londres. *Valença* nome occulto e mysterioso de Roma, e que significa forte, é nome tambem de muitas cidades assim como *Vienna*, que são frequentes nos paizes celticos. *Breda*, aldeia de Portugal e Cidade da Hollanda, significa paiz, região. *Meda*, terra de pastos. *Longroiva*, terra pedregosa. *Côta*, terra sobre collinas. *Orta*, antiga cidade junto de Roma, e aldeia de Portugal, terra cercada de valados e paliçadas. *Aveiro*, *Aveiras*, *Ovar*, cidade sobre as aguas de que ha muitas na França. *Xabregas*, redes de pescar: alguns a julgão arabe. *Bouça*, terreno agreste e cortado.

etc. podem sair com suas pretensões á filiação do portuguez, porque ninguem sabe melhor do que o sabio auctor que algumas palavras daquellas linguas não lhes dão direito a semelhante pretensão.

Finalmente o sabio Mr. Balbi, occupando-se da genealogia das linguas, não julgou haver meio mais seguro para conhecer a sua afinidade, seguindo nisto a opinião de Mr. Rémusat, e de outros sabios, do que escolher um pequeno numero de palavras verdadeiramente essenciaes, daquellas que exprimem as ideias as mais simples, e sem as quaes é impossivel ao homem viver no estado social; e, da semelhança ou dessemelhança dellas, inferir a relação mais ou menos intima que as linguas conservam entre si.

De palavras pois deste genero compoz o seu Atlas Ethnografico, comprehendendo perto de setecentas linguas, e aquellas a que deu a preferencia são as seguintes: Sol, Lua, Dia, Terra, Agua, Fogo, Pai, Mãe, Olho, Cabeça, Nariz, Boca, Lingua, Dente, Mão, Pé, um, dous até dez. Todas estas palavras, como se vê, são latinas, e seria absolutamente impossivel, que, se a lingua latina não fosse a mãe da portugueza, nós tirassemos della exclusivamente os vocabulos que designam os objectos os mais interessantes ao homem.

De tudo que fica ponderado, penso que ninguem duvidará que a lingua portugueza é filha da latina; e como poderia deixar de o ser, se, em grande parte, a nossa legislação, nossos costumes, nossas ceremonias religiosas até nossos prejuizos nos vem dos latinos! (55)

(55) Todo o mundo sabe que as nossas Ordenações são Direito romano puro, em geral; que os ro-

Terminarei por tanto aqui este discurso, assaz extenso, apesar de ter corrido o mais succintamente possivel, sobre muitos objectos, que exigiam mais amplo desenvolvimento. Deixei tambem, por brevidade, de discutir muitos outros pontos secundarios em que me não conformo com a opinião do auctor.

Em quanto ao merecimento da memoria analysada, se me é permittido omitir a minha humilde opinião, parece-me que ella é summamente inferior á reputação de seu auctor; que é menos uma obra doutrinal do que um discurso rhetorico, em que se teve mais em vista fazer frases e arredondar periodos, do que em discutir a materia; que é cheia de asserções vagas, sem o menor fundamento, e de juizos não motivados; que os factos são muitas vezes mal apreciados, e por consequencia falsa a sua applicação; e que finalmente desta *curiosidade litteraria*, nenhum proveito póde tirar o publico, porque a sciencia grammatical é muitas vezes sacrificada á defeza de um paradoxo.

FIM.

manos creão em feitiçeira (Horacio contra Canidiam); que se adivinhava pelos ratos, ovos e outras coizas (Plinio L. 8. 28); que crião na varinha de condão (Cicero Off. L. 1) que o *Litus* é o baculo; *Orarium*, o amicto, *Alba vestis* a alva; *Amula* o hyssope; *Aqua lustralis* a agua benta etc. etc.